

**X CONGRESSO NACIONAL DO INSTITUTO HAGGAI**  
**Tema: VIDA EM PLENITUDE – Redescobrimo o significado da vida**  
**abundante diante das exigências do nosso tempo**

**OFICINA**

**O CRISTÃO NA POLÍTICA E NO SERVIÇO PÚBLICO**

**Gleide Borges Moraes Lacerda**

**Águas de Lindóia/SP**  
**23 a 25 de Junho de 2006**

*“No século XVII o novo era a ciência de Galileu e o velho era a igreja, no século XX o novo era a modernização tecnológica e a racionalidade científica e o velho era o mullah e a tradição das culturas locais”. (Ragmond Aron, 1955 In:Pinguelli Rosa, 2005)*  
*E o século XXI, como será?*

<b>Legenda</b>	
<b>Objetivos do trabalho</b>	<b>03</b>
<b>Capítulo Zero – Introdução</b>	<b>03</b>
<b>Capítulo I – Uma compreensão crítica do cenário de transição do modelo de desenvolvimento econômico-social-político da sociedade pós-industrial (ou pós-moderna), e as incertezas do tempo presente. Uma breve reflexão das diferentes visões de mundo</b>	<b>04</b>
<b>Capítulo II – O mandato do profissional cristão como agente de serviço a partir da nova aliança</b>	<b>17</b>
<b>Capítulo III – As possibilidades e os desafios da Igreja em tempos de transição. A importância do Ide de Jesus e do profissional cristão líder na reinserção do perdido. O modelo de prática de boas obras preconizado na Carta de Paulo a Tito, líder companheiro e cooperador, apto as tarefas árduas. O ministério comunhão de gerações e gênero. Os diferentes modelos de governo das Igrejas sob a ótica da visão dos privilégios nos ministérios. A teologia feminina e a nova visão de mundo</b>	<b>19</b>
<b>Capítulo IV – A teologia feminina na transição de modelo da Igreja. Da teologia família em comunhão à Igreja da nova visão de mundo – A Igreja maravilhosa comunhão</b>	<b>26</b>
<b>Capítulo V – Na Igreja maravilhosa comunhão nenhuma diferenciação há entre o serviço ministerial sacro e secular. O ciclo de melhorias contínuas no processo de santificação do líder profissional cristão</b>	<b>30</b>
<b>Capítulo VI – O serviço do profissional cristão “encapsulado” no serviço público secular: uma análise crítica comparativa.</b>	<b>33</b>
<b>Conclusão – A gestão do cotidiano na Subprefeitura da Ilha do Governador como vertente descentralizadora, integradora e participativa no cenário da coordenação das macrofunções da política pública da Cidade do Rio de Janeiro, e o enfrentamento dos paradigmas gerencialistas sacro e seculares pela autora.</b>	<b>39</b>
<b>Bibliografia</b>	<b>42</b>
<b>Siglas</b>	<b>45</b>
<b>Referências Biográficas</b>	<b>45</b>

## **Objetivos do Trabalho**

O mandato cultural do líder profissional cristão no serviço extramuros da Igreja de Jesus, realizando com excelência o domínio de todas as ciências na gestão das responsabilidades que Deus colocou em suas mãos, não fazendo diferença entre o sacro e o secular.

Abordar os aspectos e efeitos do movimento de transição de modelo de desenvolvimento, suas crises decorrentes e suas ressonâncias na dimensão sócio-político-eclesiástica, visando a construção de um processo de gestão e desenvolvimento justo e integrador.

## **Capítulo Zero – Introdução**

A temática deste ensaio pretende traduzir, em uma síntese pessoal, o que permeia algumas das minhas preocupações, pensamentos, estudos e análises. Volto-me também a promover breve reflexão sobre as diferentes visões de mundo e sua transição, suas ressonâncias no mundo social, político e eclesial, e o papel do líder profissional cristão neste contexto tão desafiador.

Tudo aqui apresentado foi pesquisado sob oração e buscando a autoridade de Deus para se fazer tal coisa. Embora conhecedora que poder é condicional e que não seja de modo algum possível disfarçar o desejo de que os líderes cristãos conheçam a Deus, e estejam continuamente preocupados de que Ele seja honrado como Redentor e Rei, sob meu olhar de pesquisadora, torna-se contudo necessário contribuir para que nós líderes, o façamos (conhecer a Deus e pregar a Palavra) também de modo contextualizado, não somente sob olhar bíblico, local, focado e pontual, mas conscientes de um cenário mais amplo, global e complexo, tanto social quanto político e eclesial.

Pela compreensão crítica do cenário e com a preocupação da grande responsabilidade que o líder cristão deve ter com seu mandato cultural sob a ótica da excelência (Jornal Haggai, 2006), torna-se importante estar sempre antenado às mudanças globais de toda a ordem e com toda a velocidade e intensidade, do conhecimento e das informações. Isto levou-me a transpor minhas limitações na área da teologia, na área da física e nas teorias do conhecimento e a ousar um pouco, traçando alguns paralelos entre o secular e o sacro, o acadêmico e o teológico, a teoria e a *práxis*.

O termo usado para “líder cristão” – como agente doador de vida (por pregar a Palavra), confunde-se um pouco com minha experiência pessoal também de profissional liberal, empresária, agente pública e pesquisadora.

Sob todos os aspectos e em nenhum momento este trabalho tem a pretensão de “ensinar a fazer”, ou “de que o secular sobrepuje o sacro”, ou ainda “que se imponha às Igrejas (nas questões de gestão eclesial) uma gestão empresarial, acadêmica ou mesmo pública”.

Referencio-me sempre a máxima de que Deus é o agente ativo para trazer os líderes cristãos (nós mesmos primeiramente) e as Igrejas dirigidas por estes à maturidade, à realidade, à consciência do momento histórico da dura e difícil transição que se apresenta. Ao que chamo de consciência,

tomo como o desejo de Deus em fazer o líder cristão, não tão somente uma personagem evangélica, política e social, um necessário agente libertador das mudanças necessárias, ou mesmo um instrumento de Deus num mundo caído, para a proclamação das virtudes e esperanças vindouras na Glória do Senhor. Penso que acima de tudo, Deus quer fazer de nós líderes cristãos completos, crentes completamente humanos, plenos de Sua vida, através da restauração em nós de todo o equilíbrio, beleza e poder de Sua imagem, para potencializar-nos como vetores de Suas transformações, desde “a Judéia à Samaria e até os confins da terra”.

Há que se pagar o preço por alguma ousadia em trazer o tema à discussão, mas devo confessar humildemente ter a certeza “*Para que saibam vir isso das tuas mãos; que tu, Senhor, o fizeste*” (Sl. 109.27). Sendo assim, que o Senhor nos abençoe e cumpra em nós o Seu querer.

## **Capítulo I – Uma compreensão crítica do cenário de transição do modelo de desenvolvimento econômico-social-político da sociedade pós-industrial (ou pós-moderna), e as incertezas do tempo presente. Uma breve reflexão das diferentes visões de mundo**

O desemprego e a violência mundiais, o uso desenfreado e a escassez dos recursos naturais, a crescente degradação ambiental do planeta, a queda na qualidade de vida da população, os impactos ambientais globais decorrentes da produção manufatureira para o consumo de massa a preços competitivos, o acirramento da concorrência internacional das últimas décadas, a interconexão mundial dos meios de comunicação, a equiparação da oferta de mercadorias, das moedas nacionais e das línguas, a concentração do capital, o crescente abismo entre ricos e pobres, e o crescimento da pobreza e do desemprego são os principais problemas sociais da globalização neoliberal, e vem ganhando cada vez mais significado; evidenciam o colapso do velho paradigma desenvolvimentista capitalista, contemporâneo e dominante, e vem indicando já há algum tempo, uma crise de transição deste modelo, sem precedentes na história da humanidade. Nunca houve tantos episódios novos e inusitados, em tão pouco tempo.

A transição do modelo econômico globalizante, competitivo, para um novo sistema econômico fundamentado na sustentabilidade, tem trazido reflexões do tipo “**O QUE VEM AGORA?**” , pois na verdade, estamos todos já há muito tempo num grande barco chamado planeta Terra, navegando sob uma ordem geopolítica planetária definida após o fim da Guerra Fria, com os Estados Unidos firmes(!) no timão, na posição incontestada de única superpotência. Este modelo porém, com a crise do petróleo em 1973, começou a apresentar os primeiros sinais de crise.

As marolas internacionais que comprometiam a multipolaridade do período pós Guerra-Fria, e que desequilibravam levemente vez por outra o barco, eram moderadas por instituições internacionais

como ONU, FMI, e outros vários blocos econômicos que representavam e ainda representam a unificação de interesses entre as nações aliadas ao modelo vigente, ao protecionismo de mercado.

Para onde o timoneiro nos leva? Estamos aptos a singrar os mares nunca dantes navegados? Sabemos para onde o barco dirige suas bússolas? Quais serão as condições das próximas viagens? A rota é conhecida? “O Que Vem Agora?”

**A transição de modelos desenvolvimentistas: o velho agoniza e o novo dilata-se no nascimento – o capital e a produção. A invasão dos EUA no Iraque, o ataque terrorista ao prédio da ONU, o mundo pós-guerra: o mar encapelado e o destino incerto. As três faces da “moeda global” neo-liberal: a competitividade, a sustentabilidade e a flexibilização. O que vem agora? Sinais de uma pequena nuvem: conciliação à vista – um novo modelo desenvolvimentista cristalizado no termo sustentabilidade.**

No início da década de 90, após o fim da Guerra Fria, no chamado momento de triunfo final do sistema capitalista, pregava-se que para um lado da moeda (o capital), e através do sistema econômico neo-liberal, haveria a total integração das economias mundiais: “*O mercado financeiro internacional se ajustaria através de taxas flutuantes e sem a intervenção de seus governos nacionais*” segundo o economista Carlos Lessa, porém, segundo a economista Maria da Conceição Tavares, “*com a crescente transnacionalização dos espaços econômicos nacionais rompe-se o limite nacional ao capital financeiro*”.

Sob os fundamentos econômicos podemos resumir então que na década de 90 ocorreu: a liberação do capital, a potencialização da reprodução financeira com a crescente desterritorialização do capital financeiro, e a regionalização dos espaços sociais, via delimitação da força de trabalho, aprisionando-a, e causando inevitavelmente a apartação social. Com isto, houve e continua havendo ruptura de todos os limites possíveis.

Houve por conseguinte na década, euforia nos países de economia emergentes (Coréia do Sul, Taiwan, Singapura, Índia, Argentina e Brasil), que durante algum tempo, conseguiram superávit em suas balanças comerciais, e hoje vêem seus fluxos de capitais retornarem para os países centrais numa mobilidade tal que, devido ao fenômeno, os Estados-Nação locais vêem comprometidas as condições de promover o bem-estar de sua população e seu desenvolvimento e crescimento local.

Estaria fadado o mundo atual à crescente exclusão das medidas sociais, por ser refém do sistema econômico neo-liberal? Até quando?

**A invasão dos EUA no Iraque, o ataque terrorista ao prédio da ONU, o mundo pós-guerra: o mar encapelado e o destino incerto**

A curta guerra americana contra o Iraque, calcada sobre o argumento de golpear o terrorismo pós 11 de setembro, sem aval da ONU e a despeito da negativa de apoio político de dezenas de chefes de Estado, vem deflagrar a ira dos extremistas islâmicos que, do Iraque, enviam sinais ao mundo que querem libertar o Oriente Médio das garras do invasor, e estão tornando o local um ímã para terroristas. O ataque ao Quartel General das Nações Unidas em Bagdá em 2003, mostrou que monstro pior que o tirano cruel removido do poder, será reconstruir as condições democráticas de governabilidade do país, de atender as necessidades da população tanto físicas, quanto políticas e sociais, como torná-lo capaz de se auto-sustentar.

A presente política de segurança americana tecida sobre falsos sofismas, que tentou e conseguiu atropelar a ONU, voltou ao seu Conselho de Segurança após o embroglio trágico, tentando articular uma força internacional no Iraque para ajudar na segurança no país, resta a pergunta: para morrermos junto, servimos? O feitiço volta-se hoje, contra o feiticeiro. Pergunta-se ainda: estava o mundo todo errado e somente os EUA estavam certos? As evidências respondem.

Durante o período que antecedeu a invasão dos EUA no Iraque, um fato positivo, é identificado pela professora Nanci Valadares, da Fundação Getúlio Vargas: *“foi a atuação da sociedade civil global no conflito, ao mobilizar uma rede de oposição planetária com manifestações coordenadas em dezenas de países: - Organizações civis podem se fortalecer como sujeitos da governabilidade global e ganhar mais espaço de ação, com maior participação nas decisões.”* (O Globo, 20/04/03).

O mundo do pós-guerra e seu provável re-arranjo político e econômico acha-se em definição e, face os últimos acontecimentos, tendo os EUA como protagonista e a ONU como vítima (representando também todos os demais países do mundo), vê-se que o barco neste mar encapelado, com o mesmo timoneiro ao leme, tem destino incerto. Os navegantes desejam questionar as condições da viagem, discutir as rotas, e mais, querem chegar a um destino certo, mesmo que, devido as intempéries atuais, não seja um porto conhecidamente seguro, mas que seja um porto referência: de vida, de paz, de justiça, de integração de dignidade, de igualdade, de sustentabilidade.

Como fala James Zogby, presidente do Instituto Árabe-Americano em relação à agenda comum de árabes, americanos, e outros povos alvos de crime de ódio, racismo, discriminações e preconceitos: *“a árvore cresceu e agora tem muitos galhos. É preciso fortalecer a oportunidade para os galhos se juntarem e, de volta às raízes, refocalizarem a visão”* (O Globo, 23/08/03).

### **As três faces da “moeda global” neo-liberal: a competitividade, a sustentabilidade e a flexibilização**

Partindo da figura de uma “moeda” e que esta tem sempre três faces, não duas, teríamos a considerar: Uma das faces, a face superior da moeda: representa a globalização, com sua igualização econômico-organizacional, seus métodos próprios, custos, benefícios e suas mazelas; a outra face, a face inferior da moeda: representaria a racionalização ou diferenciação sócio-cultural (que gera desemprego e

degradação ambiental), e a terceira face ou o lado vertical, a face que intermedia as outras duas faces: representa o que hoje estaria tentando-se construir – um processo de flexibilização, de descentralização político-institucional, e que começa a dar sinais que irá determinar o equilíbrio da moeda global (Obs.: A “moeda” citada é uma alusão figurativa das partes que envolveram-se no cenário da transição, e não, à “moeda financeira”).

Falamos no novo que surge, rompendo os músculos e nervos do nascedouro, e, vindo à luz com fórceps e indução homeostásica (inclusive com evidências trágicas, radicais, e emblemáticas), temos alguns sinais: o atentado terrorista de 11 de setembro de 2001 às torres gêmeas em Manhattan – New York, a Guerra do Iraque em abril de 2003, e o atentado terrorista em Bagdá no prédio da ONU em 19 de agosto de 2003, entre outros episódios menores e menos visíveis, mas não tão menos importante.

As três faces da “moeda” hoje convivem em uma dinâmica absurdamente veloz causando turbulências globais, abalando o percurso e o prumo do navio: o timoneiro vem demonstrando sinais que seus braços estão cansados e sua cabeça acha-se confusa. Quais navegantes, ao conhecerem o diagnóstico de fragilidade do timoneiro, irão se submeter aos seus brados de arrogância e incompetência? Paga-se hoje um preço altíssimo em todo o planeta, para se ver o resultado, de como o barco chegará ao cais, se chegar, e quando chegará.

### **O que vem agora? Sinais de uma pequena nuvem: conciliação à vista – um novo modelo desenvolvimentista cristalizado no termo sustentabilidade**

A racionalização e diferenciação seletiva do processo produtivo neo-liberal, fez aumentar fantasticamente a produção, onerando os recursos naturais, culturais e humanos, levando-os à margem da extinção, gerando desemprego, caos social e a crise ambiental do planeta, sem precedentes. O desenvolvimento humano reduziu-se ao desenvolvimento econômico, e hoje temos: desencanto quanto à modernidade, pessimismo e um sentimento de passividade e desesperança, contraste de desenvolvimento (onde ¼ da população mundial consome 80% dos bens e mercadorias produzidos pelo homem, ¼ da população mundial vive nos países ricos consumindo mais de 75% da energia do planeta, 10 a 20% dos desempregados excluídos do desenvolvimento são rejeitados pelo sistema) (Becker, 1999). Nos países mais ricos ocorrem: mudança de valores como justificativa de progresso (valores passam a ser descartáveis - valores éticos e estéticos, conceito de eficiência social, beleza, justiça, soberania - inversão de valores, desesperança e desconfiança gerando o caos social, a violência urbana e a degradação ambiental, o desmonte social, a desconstrução de instituições, governos e nações.

O novo paradigma de desenvolvimento econômico regional ou participativo entende-se que estará apoiado no tripé da competitividade, sustentabilidade e flexibilidade, e, “*com a escassez dos grandes projetos, das grandes utopias, dos grandes modelos de desenvolvimentos*” (Relatório Brundtland, 1972), “*surge a necessidade/possibilidade de novas e diversas utopias, a coexistência de*

*múltiplos modelos de desenvolvimentos voltados para as necessidades e interesses locais”* (Becker, 1999).

É premente que os navegantes aos poucos, abandonem o grande barco dirigido pelo poderoso timoneiro, e busquem barcos menores, rotas próprias e que eles, os navegantes, sejam seus próprios timoneiros, havendo assim a consolidação do que está prestes a nascer: um modelo de desenvolvimento regional, calcado na flexibilidade entre os diversos setores da sociedade, com uma valorização cada vez maior do terceiro setor, o fortalecimento das organizações não-governamentais sérias e comprometidas com o social, e a descentralização político-institucional.

Neste cenário podemos ver nitidamente a Igreja de Jesus como agência pública e social, profética – agência do Céu na terra para implementação das transformações e ajustes necessários ao novo processo de gestão e desenvolvimento justo e integrador. Vemos também o líder profissional cristão como agente de serviço, e dinamizador das mudanças, servo do Grande Líder Jesus, este sim o Grande Controlador de todos os processos de desenvolvimento.

No Velho Testamento da nossa milenar Bíblia Sagrada, os sinais são termos usados para representar os milagres, sendo considerados portadores de mensagem dos Céus. No livro de I Reis cap. 18 vs 43 e 44, o profeta pede o milagre a Deus mas não vê os sinais: êle precisa de chuva, boa e intensa para salvar seu povo, e então, envia um fiel servo para examinar os céus para o lado do mar. Insiste por sete vezes, até ver *“que se levanta do mar uma nuvem pequena como a palma da mão do homem”*. Veio este pequeno sinal a crescer, e a irrigar toda a terra, e a encher os mares. Os navios puderam então voltar a navegar. Que venham os sinais, e que sejam da parte do Senhor.

### **Breve reflexão sobre as diferentes visões de mundo**

Tendo como alvo um entendimento lógico do cenário da transição (ou da crise da civilização), mesmo que sem o rigor científico necessário, e assumindo a inserção da ciência como ponto de partida no contexto histórico e social em que a transição se desenvolve, tentaremos relacionar neste item (sempre sinteticamente) as teorias do conhecimento mais importantes às teorias científica que nelas influíram, e as revoluções (e suas conexões) na história ocidental que transformaram a visão de mundo dominante.

### **A influência da ciência na visão de mundo**

A ciência não se desenvolveu de modo autônomo no plano intelectual das idéias, seus conceitos e teorias tem uma profunda relação de mão dupla com o contexto histórico (nos aspectos intelectual e cultural, econômico, social e político), e é influenciada pelo contexto social em que nasce e se desenvolve; a ciência por sua vez influi neste contexto social, seus resultados são apropriados pela



sociedade (principalmente através da tecnologia), mas de modo diferenciado pelas diversas classes sociais, predominando o interesse da classe dominante da época; a ciência influi na visão de mundo dominante e é influenciada por esta, seja exportando seus paradigmas para outras áreas do saber e da prática, seja incorporando idéias destes outros campos e legitimando ideologias; a ciência serviu também de matriz da visão do mundo dominante na modernidade e ao mesmo tempo a refletiu dialeticamente.

A física principalmente se incorporou em um paradigma geral de enorme abrangência e permanência na história moderna, e sua influência não se restringiu às ciências naturais, mas se estendeu às humanidades. Para Pinguelli Rosa (2005), a tecnociência e as humanidades são duas faces da mesma moeda na Civilização Ocidental e não “duas culturas” separadas, e ambas, derivam do Iluminismo (ciência do cerne da modernidade, da qual surgiu a sociedade industrial e a sociedade tecnológica do capitalismo).

*“Paradigma é um conjunto supostamente de princípios e procedimentos, julgados eficazes na elaboração de teorias e práticas, para interpretar fatos e abordar e resolver problemas, e fazer previsões que permitam planejar ações e interferir no curso dos acontecimentos para controlá-los de acordo com objetivos definidos, e isto envolve diferentes esferas do conhecimento”.* (Pinguelli Rosa, 2005)

A física, ciência enfatizada nas diferentes visões de mundo, sempre esteve no bojo histórico da revoluções que balizaram a modernidade, tem sido posição-chave e instrumental para outras ciências e para a tecnologia, é a base do método científico matemático-experimental ; sustenta a previsibilidade – que sob certas condições restritas e até certo ponto, poderia controlar a natureza, projetar máquinas e planejar indústrias. O determinismo newtoniano correspondeu a visão de mundo da Revolução Industrial, do Capitalismo e, depois, do Socialismo Real no leste europeu e neste, desde seu nascimento, apogeu e até sua ruptura, a física assumiu um papel de destaque em nome da ciência como um todo.

### **As revoluções da história ocidental que transformaram a visão de mundo dominante**

As revoluções da história ocidental resultam de processos da evolução do pensamento científico cuja linguagem básica a ser abordada surge inicialmente da associação íntima entre a matemática e a física. Para se compreender os fenômenos das ciências da natureza, o mundo secular usa a construção matemática que permite descobrir conceitos e leis que a regem. Muito antes dos gregos, os sumérios, assírios e babilônios na Mesopotâmia desenvolveram conhecimentos e deram uma contribuição magistral ao progresso da humanidade com a ciência dos números, e por seu intermédio, com a arte do raciocínio lógico-formal, colocando a humanidade na rota do progresso intelectual. Muitos são os físicos e matemáticos que contribuíram ao mesmo tempo para a física e para a matemática, tanto no Século XVIII quanto no Século XIX: Euler, Lagrange – Século XVIII; Gauss, Cauchy, Abel, Jacobi, Hamilton,

Weiertrass, Hermite, Riemann, Lie, Poincaré, Poinson, Fourier, Liouville e Dirichet – Século XIX. Este casamento da física com a matemática foi quebrado no Século XIX, pelos matemáticos e no Século XIX e XX, a matemática foi ficando cada vez mais independente da física.

A explicação secular para os problemas decorrentes da civilização ocidental (cujas raízes encontram-se na civilização greco-romana na antiguidade clássica), tem origem na industrialização de base tecnológica potencializada pela ciência. Esta industrialização permitiu o crescimento demográfico e a urbanização em todo o mundo, deu a uma significativa parcela da humanidade conforto e progresso, embora excluindo grande parte desses benefícios, e encontra hoje seus limites na poluição ambiental, no esgotamento dos recursos naturais, na pobreza da maior parte da humanidade excluída, na violência e na desordem social, simbolizado drasticamente pela criminalidade e uso de drogas em todo o mundo, e guerras locais com dissolução dos estados-nações (ex-Iugoslávia, parte da ex-URSS e no ex-Terceiro Mundo).

Na história humana existiram descontinuidades que estão associadas às revoluções, e o Quadro I de autoria do Prof. Luiz Pinguelli Rosa, apresenta os períodos históricos destas revoluções da história ocidental, resultantes de processos que levaram às rupturas e que transformaram a visão de mundo dominante, bem como apresenta a formação praticada de economia e produção, o estágio tecnológico e a superestrutura cultural e política.

As novas estruturas emergem das evoluções históricas a partir das descontinuidades das revoluções às quais são relacionadas por Pinguelli Rosa (2005), no plano da superestrutura da sociedade nos campos políticos, religioso, cultural e científico-filosófico, marcaram o modo de pensar, contribuindo para organizar a sociedade em cada etapa. Estas revoluções foram:

- (I) no campo cultural, a Revolução Racional Grega, o Renascimento ou Revolução Cultural e Artística, a Reforma Protestante ou Revolução Religiosa e Revolução Científica
- (II) no campo político, a Revolução Burguesa e Revolução Socialista.

**Quadro 1.** Revoluções na história ocidental

PERÍODOS HISTÓRICOS	ECONOMIA-PRODUÇÃO	ESTÁGIO TECNOLÓGICO	SUPERESTRUTURA CULTURAL E POLÍTICA
8 mil a. C. REVOLUÇÃO AGRÍCOLA Antiguidade	Período Neolítico Geração de excedentes ----- Civilizações	Passagem da coleta e da caça para a agricultura ----- Uso de energia eólica, hidráulica, animal e da biomassa vegetal -----	Condições para estruturação de grupos sociais ----- Civilização Greco-Romana Cidadãos e escravos REVOLUÇÃO RACIONAL -----

Idade Média	Feudalismo	Técnicas agrícolas Tecnologia artesanal	Igrejas e Feudos Senhores x servos Corporações de artesãos
Séc. XV-XVII REVOLUÇÃO COMERCIAL	Origem do capitalismo  Mercantilismo Comércio Finanças	Navegação Caravela e bússola Grandes Descobrimentos Manufaturas Metalurgia	Estados Nacionais Nobreza, clero e povo REVOLUÇÃO RELIGIOSA REVOLUÇÃO CULTURAL Renascimento REVOLUÇÃO CIENTÍFICA
Séc. XVIII-XIX REVOLUÇÃO INDUSTRIAL	Capitalismo Industrial  Produção elevada  Distribuição desigual	Carvão Máquina a vapor Petróleo Motor a explosão Indústria Química Eletricidade	REVOLUÇÃO BURGUESA Democracia representativa Patrões x proletários Sindicatos e greves Liberalismo econômico Colonialismo x conflitos nacionais pela independência
Séc. XX-XXI REVOLUÇÃO TECNOLÓGICA	Capitalismo X Socialismo  Alta produtividade  Transacionais Globalização  Desregulamentação Privatização  Desemprego Exclusão social	Energia nuclear Telecomunicações Informática  Engenharia genética  Riscos tecnológicos: Bomba nuclear Poluição ambiental Produtos transgênicos  Mudanças globais: Inverno nuclear Camada de ozônio Efeito Estufa	REVOLUÇÃO SOCIALISTA Crises do capitalismo Imperialismo X nacionalismo Nazismo X socialismo Guerras mundiais Guerra fria  CRISE DO SOCIALISMO Tecnocracia X povo Colapso soviético  Neoliberalismo Império mundial x resistência Movimentos sociais e ONG's Guerras locais Fundamentalismo-Terrorismo

Fonte: Pinguelli Rosa (2005)

***“...importa que a evolução e estas revoluções na base da produção mudaram não só o modo de produzir, mudaram o mundo”.*** (Pinguelli Rosa, 2005)

Devido ao tema do presente trabalho, nos restringiremos a abordar sucintamente os período que vão da Revolução Científica à Revolução Industrial, Capitalismo, Socialismo e o tema da Pós-Modernidade, crucial para entendermos a crise atual de civilização ou a transição de visão de mundo.

No período da Revolução Científica, a ciência se separou da filosofia, o empirismo, o racionalismo, o ceticismo e o determinismo se desenvolveram e foram rediscutidos. Ocorreu a ascensão do paradigma newtoniano na ciência, o qual hegemonizou grande parte do pensamento moderno até nossos dias: ciência e tecnologia se aproximaram. Era inegável a influência da metafísica na física nascente, mesmo que dialeticamente, no confronto da nova visão de mundo com a visão da filosofia escolástica. As implicações filosóficas e éticas das mudanças neste período são conflitantes com a escolástica e com a filosofia natural herdada dos gregos, com seu cosmo e sua metafísica. As conseqüências dessa nova visão “causal” do mundo foram profundas: liga-se à separação proposta por Descartes entre o mundo racional, da natureza e da ciência matematizada e o mundo espiritual, da mente, da alma, da religião. Salta então aos olhos a influência recíproca entre a física e a metafísica, que vai sofrer mudanças a partir da nova ciência.

A Revolução Científica tem um caráter de intervenção do homem na natureza, o qual deixa de ser contemplada e passa a ser objeto da atividade humana; é também conhecida como a

revolução que marcou o advento da ciência moderna, distinguindo-se de qualquer outra revolução, sendo também considerada ímpar na história da humanidade e da civilização ocidental, pois ela continha o germe da mudança da visão de mundo da modernidade e provocou a reação da Igreja que representava o poder global da época, não estando porém, restrita às questões da ciência.

A Revolução Científica unificou a física com a astronomia, e é conhecida como o advento da mecânica newtoniana, pelo método científico atribuído a Galileu. Teve o marco principal no Século XVII, e para alguns autores, abrange um período longo, de 1500 a 1800. Alguns autores identificam a Revolução Científica como sendo semelhante a uma revolução política, e esta em geral, possui quatro aspectos, segundo Pinguelli Rosa (2005):

- (I) Um projeto de uma utopia ou ideologia de pensadores e líderes.
- (II) Uma luta de libertação organizada.
- (III) Uma crise de insurreição popular.
- (IV) Tomada de poder e mudanças profundas e de longo alcance.

***“Utopia é um conjunto de valores sobre os quais a sociedade baseia sua esperança”.*** (Prof. José Eli de Veiga, em citação no Congresso Brasileiro de Economia Ecológica em novembro de 2005).

Durante o período da Revolução Científica muitos autores, cientistas e filósofos foram ameaçados pela Inquisição (Galileu), queimados em fogueiras (Girdano Bruno) e proibidos (Descartes). Há uma interpretação entre os estudiosos de que esta reação se dirigia não tanto contra o conteúdo científico das teorias mas contra a ameaça à autoridade da Igreja. A violência da época reflete o conservadorismo das classes economicamente favorecidas que se negavam a reconhecer o fato de que uma revolução real e pacífica tenha ocorrido. Desde período a civilização herdou algumas características de processos ou métodos que prevalecem até hoje nas instituições que ainda guardam suas memórias de gestão (ou de conhecimento) da época: hierarquização, sectarização, previsibilidade, rigidez, sistemas fechados, entre outros.

A Revolução Industrial se caracterizou a partir da aceleração da produção, pelo uso de recursos naturais e de energia, com grande crescimento econômico e ampliação do consumo, apesar das desigualdades na distribuição, os impactos no meio ambiente foram crescentes, alavancou o capitalismo que teve sua consolidação política nas revoluções financeiras e norte-americana do Século XVII. Ainda atualmente, da divisão da superestrutura cultural e política da sociedade da Revolução Burguesa, prevaleceram resquícios em algumas instituições e corporações (principalmente na social e na eclesiástica), e pode-se perceber claramente a desconstrução de seus esqueletos (como por exº.: o fim do emp

***“A ruptura do paradigma newtoniano no âmbito interno da física, em pleno apogeu da mecânica do século XIX, deu-se com a Revolução da Termodinâmica e do Eletromagnetismo. Esta ruptura completou-se no âmbito da física apenas no século XX com a revolução da Relatividade e da Mecânica Quântica. Portanto, no campo da ciência está ocorrendo hoje uma aproximação entre a biologia (biotecnologia e a engenharia genética) e a física, o que já está influenciando em outras áreas do conhecimento”.*** Pinguelli Rosa (2005)

Nesta revolução pós-newtoniana no âmbito do campo do conhecimento científico do século XIX, a mecânica (base do sistema de produção) reduziu seu domínio, embora prevaleça no período alguma previsibilidade, e o determinismo newtoniano entra em contradição com o indeterminismo do caos molecular surgida na termodinâmica. As repercussões desta revolução da física no campo filosófico foram muito diferenciados: o materialismo dialético, a filosofia natural e o positivismo.

No campo político, no início do século XX, ainda fruto da Revolução Industrial ocorre a Revolução Socialista, que abrange a Revolução Soviética, a Revolução Chinesa e a Revolução Cubana.

***“A revolução tecnológica da informática, que marca o tempo atual, coroando todos os avanços anteriores, possibilitou a globalização sob a égide do capitalismo sem limites, o aborto do socialismo e o fim, enquanto, para outros, ela é ainda uma esperança de um mundo melhor, mais justo onde ressurgirá um novo socialismo, democrático ou algo que o supere e o substitua, em escala planetária resgatando a solidariedade humana como um valor em si”.***

**Pinguelli Rosa (2005)**

A questão atual da crise da visão de mundo reflete contradições nos sistemas e forças sociais na disputa, buscando um avanço no sentido das transformações da sociedade, e, insere na discussão a inequívoca preocupação de que os problemas ambientais, o aumento da produtividade com alto desemprego e a destruição social sejam de fato considerados. Pinguelli Rosa (2005) cita por exemplo que cada escola de pensamento econômico da modernidade e da pós-modernidade definiu suas eficiências e cada uma delas sugere soluções para o problema da distribuição justa da riqueza: A economia liberal hegemônica, a otimização da alocação de recursos; a economia keynesiana (influyente na social-democracia antes do neoliberalismo), a maximização de empregos; a teoria econômica de Shumpeter, a ciência das inovações tecnológicas; a teoria neoclássica através da economia ambiental ou ecológica, a internalização dos custos ambientais nos custos econômicos, e a teoria marxista a eficiência distributiva.

Evidentemente todas estas teorias traduzem propostas repletas de esperanças e, em nossa opinião, devemos continuar buscando a “utopia” (na visão dos cientistas) e da “vida em plenitude” (na visão dos teólogos e cristãos) de modo mais racional, sobretudo como uma “*resistência à barbárie que o neoliberalismo nos oferece*” (Pinguelli Rosa, 2005). \_

No final do século XX e início do século XXI, a influência da física como visão de mundo foi deslocada pelos fenômenos não-lineares rotulados como caos determinista e a possibilidade da

matemática empírica aberta pelo uso generalizado dos computadores. Segundo análise do Dr. Pinguelli Rosa (2005), neste período, a filosofia critica a ciência e físicos revolucionários (Einstein e Bohr – com uma visão de mundo progressista, bem como Heideberg – à direita por ser complacente com o nazismo), assumiram as questões filosóficas da ciência. A influência da biologia em outras áreas do conhecimento se evidencia nos modelos computacionais, permitindo a simulação da evolução temporal de sistemas dinâmicos; com a decodificação do genoma/DNA, esta inspirou modelos computacionais relacionado à complexidade de inspiração biológica (redes neurais, na criticidade não-organizada, nos autômatos celulares).

O novo paradigma da ciência na nova visão de mundo apresenta ser o caos e a complexidade. O caos determinista origina-se de sistemas governados por equações matemáticas diferenciais não-lineares que se revelam muito sensíveis às condições iniciais, e que, apesar de o sistema ter seu futuro teoricamente determinado por uma equação, seu futuro na prática é imprevisível, pois mínimas variáveis iniciais levam a imensas diferenças após certo tempo, podendo passar o sistema do regime bem comportado, para o regime do caos. Por complexidade, convencionou-se chamar a fronteira entre a ordem e o caos, caracterizada pela possibilidade de emergência do novo, do inusitado. A complexidade está associada ao fenômeno de vida.

## **Os tempos pós-modernos e a transição de visão de mundo**

### **A revolução Pós-Industrial ou Pós-Moderna**

Alguns estudiosos afirmam que a era moderna durou exatamente 200 anos – da queda da Bastilha em 1789 à queda do muro de Berlim em 1989 (VEITH JR., 1999) e que a Revolução Francesa traduz o triunfo do Iluminismo (no século XVIII). Pinguelli Rosa (2005) apresenta o Iluminismo como situando-se no cerne da modernidade na qual emergiu a sociedade industrial e tecnológica do capitalismo, como já vimos.

Precisando tratar comparativamente da transição do período moderno para o pós-moderno, torna-se significativo ater-nos criticamente no discurso de algumas idéias que permearam o período e substituíram a visão de mundo modernista.

### **Do Iluminismo ao Existencialismo**

O Iluminismo pode ser considerado como a era da razão, da descoberta científica e da autonomia humana. Na visão clássica das ciências emergentes do início do século XVIII, as leis absolutas e racionais governavam a natureza auto-suficiente e a ciência parecia poder tudo explicar. Alguns cientistas não enxergavam limites para o poder da razão humana operando sobre os sentidos e consideravam o sobrenatural como superstições superadas, buscando delinear uma religião Racional, uma fé que não dependesse de revelação. Segundo os deístas, havia uma mente racional (Deus) que criou todo o universo e sua complexidade, e colocou-a a funcionar como uma máquina, e por conta da

razão, os seres humanos basicamente estariam por conta própria. O racionalismo iluminista viu o universo todo como um sistema fechado de causa e efeito, e todo o fenômeno devia ser entendido em termos de uma causa que vem de dentro do sistema.

*..., os pensadores descartaram o classicismo iluminista. O racionalismo com base em Platão e Aristóteles pressupunha os absolutos universais e as verdades não materiais. Mas no século XIX o empírico vencia o racional. Segundo o materialismo do século XIX, só o que podemos observar é real. O universo físico, conforme apreendido pelos nossos sentidos conforme estudado pelo método científico, é a única realidade. Os filósofos conhecidos como positivistas lógicos chegaram a dizer que qualquer declaração que não pudesse ser verificada empiricamente (como as afirmações teológicas, metafísicas, estéticas e morais) não teria sentido nenhum. Não se pode mostrar “Deus” ou “justiça”; portanto, eles não existem. A filosofia abstrata é nada mais que um jogo de linguagem. (Parecia não importar aos positivistas lógicos que, como seu próprio critério de significância também não era empírico, pelos seus padrões, portanto, deveria não ter sido sentido). A herança do Iluminismo floresceu de formas diversas. As metodologias projetadas para dissecar objetos começaram a ser aplicadas a seres humanas. As “ciências sociais” foram inventadas. A sociologia propunha explicar as instituições humanas; a psicologia buscava explicar a vida interior do ser humano, tudo em termos de um sistema natural fechado acessível por meio de métodos científicos empíricos. As sociedades e economias foram repensadas e reprojctadas. Surgiu a teologia liberal e nada ficava excluído da soberania do intelecto humano. As teorias sociais que excluíam Deus iam muito mais longe. Com base no pressuposto de que todos os problemas pudessem ser resolvidos pelo planejamento humano, vários esquemas de socialismo se sucederam aos nobres ideais e práticas brutais da Revolução Francesa. A tentativa mais completa de refazer a sociedade e os seres humanos de acordo com uma teoria racionalista veio pelo materialismo dialético marxista sobre uma vasta porcentagem da população mundial. O marxismo acabou com a propriedade privada, buscou liquidar a religião, suprimiu as culturas que existiam na terra e tentou abolir o individualismo em favor de uma vasta comunidade coletiva. A tradição do Iluminismo procurou encontrar meios de se viver sem o sobrenatural. O Cristianismo foi passado para a retaguarda, colocado na defensiva. Muitas igrejas fizeram concessões reinterpretando a fé de acordo com dogmas . (VEITH. JR., 1999)*

Com a queda do muro de Berlim em 1989 percebe-se os sinais do descrédito ao Iluminismo, a racionalidade foi destronada, a Revolução Industrial cede lugar à Revolução Tecnológica e como posições seculares surge o início de algumas alternativas pós-modernas próprias: tende-se a substituir o intelecto pela vontade, a razão pela emoção, a moralidade e a ética pelo relativismo, o previsível pelo imprevisível, o fechado pelo aberto, o rígido pelo flexível. Despontam alguns autores do pensamento pós-moderno: Locan, Derrida, Foucault e outros. Segundo Veith Jr. (1999), “*O Iluminismo acendeu a física do romantismo e o materialismo provocou a reação do existencialismo*” – reconhecido por muitos como a base filosófica do pós-modernismo.

No início do Século XIX, o romantismo considerava a emoção a essência da condição humana, exaltava o individual, e tinham como base de moralidade a auto-realização. A natureza seria explicada em termos de uma “força vital” que anima e rege o universo e o ser humano, em contato com seus próprios sentimentos interiores o ser humano torna-se “um” com a natureza – “*a “força vital” serve de base então para uma nova religião secular*”. (Veith, 1999)

*“ O romantismo cultivava a subjetividade, a experiência pessoal, a irracionalidade e a emoção intensa. Incentivava a introspecção e a atenção à vida interior. Os românticos se inspiravam em Kant, que argumentava que o mundo exterior deve sua própria forma e estrutura ao poder organizador da mente humana, que impõe ordem nos dados caóticos dos sentidos. Alguns românticos entenderam com isso que o eu, na verdade, é o criador do universo”.* (VEITH. JR., 1999)

No Século XX surge então uma nova visão de mundo, o existencialismo, que aceitava o materialismo na sua íntegra e oferecia sentido para o indivíduo.

*“ O existencialismo oferece a base lógica para o relativismo contemporâneo. Visto que cada um cria seu próprio significado, todos os significados são igualmente válidos. A religião torna-se uma questão puramente particular, que não pode ser “imposta” sobre qualquer outra pessoa. O conteúdo de seu significado não faz diferença alguma, somente o compromisso pessoal: para dar sentido à vida Sartre optou pelo comunismo; Heidegger escolheu o nazismo; Bultmann o Cristianismo. Cada um habitou sua própria realidade particular: “O que é verdade para você pode não ser para mim”. Segundo o existencialismo, não há sentido nem finalidade na vida. A ordem automática cega da natureza e as conclusões lógicas do racionalismo podem até mostrar ordem, mas são desumanas. No que diz respeito ao ser humano, as repetições estúpidas das leis naturais não têm sentido. A esfera objetiva é absurda, vazia de qualquer significação humana”. (VEITH. JR., 1999)*

Veith Jr. (1999) cita o historiador Arnold Toynbee (1956) no seu livro *An Historian's Approach to Religion* como precursor no uso do termo “pós-modernidade”, e declara que Toynbee teria descoberto que sociedades em desintegração sofrem de um tipo de “cisão da alma”, uma espécie de “suicídio cultural” e possuem algumas características: caem numa “sensação de abandono” (consciente ou inconsciente) como substituto da criatividade.

*“ Em outras palavras, as pessoas param de crer na moralidade e cedem a seus impulsos à custa de sua criatividade. Também sucumbem à tentação de cabular, isto é, cedem ao escapismo, buscando evitar seus problemas ao fugir para seus próprios mundos de distrações e entretenimento. Há um sentimento de desamparo, no qual as pessoas são levadas a esmo cedendo a um determinismo cego, como se esforços próprios não valessem a pena e elas não tivessem controle nenhum sobre sua vida. Há um sentimento de culpa, uma aversão a si próprio, que provém de seu abandono moral. Há uma promiscuidade, termo que Toynbee emprega aqui não tanto no sentido sexual, como para a aceitação indiscriminada de tudo e de todos, um ecletismo infeliz e uma tolerância geral a que faltam critérios. Toynbee descreve essa promiscuidade como sendo “um ato de auto-entrega ao cadinho... na Religião e Literatura e Linguagem e Arte bem como... nos Modos e Costumes”, o triunfo de uma mente da massa”. (VEITH. JR., 1999)*

Veith (1999) cita Patrícia Waught (1992) que resume o pensamento de Toynbee (1956):

*“ Para Toynbee, a era pós-moderna seria a quarta e última fase da História ocidental, uma fase dominada por ansiedade, irracionalismo e desamparo. Num mundo dessa natureza, a consciência está à deriva, incapaz de ancorar em qualquer base de justiça, verdade ou razão sobre as quais os ideais da modernidade haviam sido fundados no passado. A própria consciência é assim “descentrada”: não é mais agente da ação no mundo, mas uma função através da qual forças impessoais passam e se cruzam. A arte torna-se não tanto uma expressão do espírito humano como um produto a mais. Assim como o conhecimento, portanto, ela não pode mais ser crítica, mas apenas funcional. Além disso, estamos na condição pós-moderna e, uma vez implicados numa cultura onde todo conhecimento é produzido pelo discurso, não podemos mais buscar transcendência. Não existe posição fora da cultura de onde se veja a cultura. Não existe o que Kant postulava, o “ponto de vista que parte de nenhum lugar”, o espaço conceitual que já não esteja implicado naquilo que busca contestar. Só pode haver despedaçamento que parta de dentro: a micropolítica, os jogos de linguagem, os conflitos, paróicos, a ironia, a fragmentação”. (PATRÍCIA WAUGH, 1992. IN: VEITH. JR., 1999)*

## Capítulo II – O mandato do profissional cristão como agente de serviço a partir da nova aliança

Neste capítulo, abordaremos conceitualmente as referências bíblicas dos temas que embasam toda a estrutura espiritual do líder profissional cristão, na vertente que pretendemos desenvolver no presente trabalho (DIB, 2004; BEG, 1999; SHEDD, 1997).



**I.a) Servo:** Indivíduo que na condição de criado ou escravo, servia e obedecia a um senhor, podendo ser:

- 1) Um escravo que pertencia a um senhor;
- 2) Um criado da casa ou contratado para desempenhar determinada função;
- 3) Um trabalhador voluntário que não era escravo nem criado mas que por opção servia a um senhor.

A idéia chave tem suas raízes no conceito de aliança.

### **I.b) Aliança**

→ significa em hebraico reciprocidade

→ tratado/acordo/contrato entre um superior e seu súdito (no caso espiritual), ou entre iguais

→ o conceito de aliança entre Deus e seu povo é uma das verdades teológicas mais importantes da Bíblia.

### **Exemplo de famosas alianças feitas por deus com líderes**

#### **1ª) Com Noé**

→ As alianças divinas originaram de Deus (Gn 9.9)

→ As alianças divinas são eternas (Gn 9.16)

→ A aliança de Deus com Noé teve um sinal visível → o arco-íris

Nesta aliança com Noé, Deus prometeu adiar o julgamento sobre a natureza enquanto houvesse possibilidade de salvação (Gn 8.21-22; 2Pe 3.7-15).

#### **2ª) Com Abraão**

Ao fazer aliança com Abraão Deus prometeu:

- Abençoar seus descendentes (Gn. 12.1-3) por causa da fé de Abraão;
- Fazer de seus descendentes um povo especial, abençoado;
- Os descendentes de Abraão seriam inumeráveis e herdariam a terra;
- Na reciprocidade Abraão deveria:
  - Permanecer fiel a Deus
  - Ser canal de bênçãos divinas para o restante do mundo (Gn. 12.1-3)
- A aliança de Deus a Abraão teve também um sinal → a circuncisão.

#### **3ª) Com Davi**

Deus prometeu (2Sm. 7.12; 22.51)

- David e seus descendentes foram declarados herdeiros na linhagem real de Israel;

Promessa cumprida: Jesus o Messias, descendente de David, nasceu em Belém cerca de mil anos depois de Deus ter feito a promessa ao rei Davi (Mt 1.1; 2.4-6; Lc 1.29-33).

#### **4ª) Com Israel através de Moisés** - a antiga primeira aliança em contraste com a “nova aliança”

- Moisés aspergiu o sangue da aliança sobre Israel (Ex 24.8). Porém Israel rompeu a antiga ou primeira aliança em pouco tempo (Ex 32.1-31) e muitas outras vezes depois (Jr 31.32).

## **5ª) A Nova Aliança de Deus com a Raça Humana baseada na morte e na ressurreição de Jesus Cristo (Jr. 31.31-34)**

Chamadas também das “alianças da promessa da graça” (Ef 2.12), que se cumpriu na vida e no Ministério de Jesus.

Garantias de Deus: Deus santo, onisciente e todo poderoso irá proporcionar salvação apesar da incapacidade do povo em cumprir sua parte no acordo, devido ao seu pecado.

Reciprocidade exigida do povo de Deus: Um povo fraco, pecador e imperfeito que faz tentativas humanas de guardar a lei e ter comunhão com Ele, apesar de não serem dignos de nada.

O sinal da Nova Aliança: Jesus Crucificado

### **Alianças x Contratos**

Nos sentido bíblico, portanto, uma aliança implica em muito mais que um contrato ou um acordo. Contratos tem períodos de vigência enquanto uma aliança é um acordo permanente. Contratos geralmente enfocam apenas algum(s) ponto(s) ou compromisso(s) envolvendo características de pessoas ou empresas, porém uma aliança bíblica abrange todo o ser do indivíduo, com seus valores, características e suas múltiplas funções.

**O compromisso do crente na nova aliança: servir a um único senhor e rei Jesus e ser “um” com Cristo e seu corpo (Sua Igreja), num cenário de múltiplas diversidades**

Sendo assim, alcançados os crentes em Deus através de Cristo Jesus, tanto de forma individual (Sl 78.70-72) quanto de forma coletiva, SOMOS TODOS SERVOS DO SENHOR:

- A morte de Jesus trouxe-nos a Nova Aliança, pela qual somos justificados pela graça e pela misericórdia de Deus, e não por nossos méritos;
- O próprio Jesus é o Mediador desta melhor Aliança entre Deus e a raça humana (Hb 9.15; 12.24);
- A morte sacrificial de Jesus serve como um juramento de Deus (Hb. 7.28) para conosco, para selar esta Nova Aliança.

***Hb. 8.6: “Uma superior aliança instituída com base em superiores promessas”.***

### **Conclusões sobre a Nova Aliança**

- A Nova Aliança cumpriu o que a antiga não pôde realizar: a remoção de pecados e a purificação da consciência humana (Jr 31.34; Hb 10.2-22);
- Sob a Nova Aliança, Deus gravaria a lei no coração dos seres humanos, sendo a promessa de Deus para todo aquele que o busca com arrependimento e fé.

### **O Papel do Servo de Deus**

- Servos de Deus como instrumento da obediência para a justiça; servos da justiça para a santificação (Rm. 6.16, 18, 19)
- O líder deve ser servo (Mt. 20.26, 27, 28)

Vs. 26: Não é assim entre vós; pelo contrário, quem quiser tornar-se grande entre vós, será esse o que vos sirva;

Vs. 27: e quem quiser ser o primeiro entre vós será vosso servo;

Vs. 28: tal como o filho do Homem, que não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em regaste de muitos.

***Como Jesus, o líder cristão deve SERVIR, sempre!***

**Capítulo III – As possibilidades e os desafios da Igreja em tempos de transição. A importância do Ide de Jesus e do líder profissional cristão na reinserção do perdido. O modelo de prática de boas obras preconizado na Carta de Paulo a Tito, líder companheiro e cooperador apto a tarefas árduas. O ministério comunhão de gerações e gênero. Os diferentes modelos de governo das Igrejas sob a ótica da visão dos privilégios nos ministérios. A teologia feminina na transição da Igreja para a nova visão de mundo**

**As possibilidades e os desafios da Igreja em tempos de transição. A importância do Ide de Jesus e do líder profissional cristão na reinserção do perdido**

É evidente que os sintomas da crise cultural, social e político da globalização, tem efeitos sobre a cultura da humanidade, especialmente nos países pobres, onde os contrastes sociais são ainda mais perceptíveis. Podemos falar de uma espécie de conformidade e adaptação. Em função da exigência de competitividade, cada um se vê como adversário dos outros e pretende lutar pela manutenção de seu lugar (de trabalho). Os excluídos são taxados de incompetentes e os pobres tendem a serem responsabilizados pela sua própria pobreza. Paralelamente a isso, surge nos países industrializados uma nova forma de extremismo da direita, de forma que a xenofobia e a violência aparecem entrelaçadas com a luta por espaços de trabalho. A violência surge também como reação dos excluídos, e a competição (lógica do sistema) desenvolve uma crescente “cultura da violência” na sociedade. O próprio crime “organizado” oferece oportunidades de trabalho e segurança aos excluídos, escravizando os humildes que não dispõem nem ostentam sinais de arbitrariedade.

Sobre esta transição, Pinguelli Rosa(2005) cita Haar(1987), que apresenta sinteticamente os sinais da atual crise de civilização:

- 1º) A uniformização planetária dos modos de vida e do pensamento;
- 2º) A neutralização do espaço e do tempo, a perda do sentimento de proximidade e de tempo, abolidos pelos meios de comunicação e de transporte;
- 3º) A circulação e o consumo de informação sem qualquer objetivo;

- 4º) Uma certa insensibilidade com respeito ao excesso de dor com guerras e catástrofes tornadas espetáculos televisados;
- 5º) Estoques imensos de energia e o consumo acelerado com dilapidação dos recursos naturais e do meio ambiente;
- 6º) Enormes meios de destruição;
- 7º) A desigualdade e a pobreza. (Este último item foi acrescido por Pinguelli Rosa, 2005 à lista de Haar (1987).

Presenciamos um crescente isolamento dos indivíduos, embora tenham sido desenvolvidos e disponibilizados mais meios de comunicação, de forma que as alternativas de socialização têm sido, paradoxalmente reduzidas. Segundo Andrioli (2005): *“a exclusão de muitos grupos na sociedade e a separação entre camadas sociais têm contribuído para que a tão propalada integração entre diferentes povos não se efetive; pelo contrário, isso têm levado a um processo de atomização da sociedade. O valor está no fragmento, de modo que o engajamento político da maioria ocorre de forma isolada como, por exemplo, o feminismo, o movimento ambientalista, movimentos contra a discriminação étnica e sexual, etc. Tudo isso sem que se perceba um fio condutor que possa unificar as lutas isoladas num projeto coletivo da sociedade. Nessa perspectiva fala-se de um fim das utopias, que se combina com uma nova forma de relativismo: a verdade em si não existe; a maioria a define”.*

Cresce a sobrevalorização do pragmatismo e da eficiência meramente técnica. Ressalta-se a formação profissional, concebida como único meio de acesso de trabalho, pois há a idéia de que, com uma melhor qualificação técnica, alcance-se melhores possibilidades de inserção no mercado de trabalho em declínio. Cada vez menos importante torna-se a reflexão sobre os problemas da sociedade. Valores como engajamento, mobilização social, solidariedade e comunidade perdem seus significados e, o mais importante é o luxo, o lucro, o egocentrismo, a “liberdade do indivíduo” e um lugar no “bem-estar dos poucos”. Esses valores são difundidos pelos grandes meios de comunicação e os jovens são, nisto, os mais atingidos. *“A diminuição do sujeito/indivíduo surge como decorrência, pois o ser humano é cada vez mais encarado como coisa e estimulado a satisfazer prazeres supérfluos. Os excluídos são descartados sem perspectiva e encontram cada vez menos espaço na sociedade que, afinal de contas, está voltada aos consumidores, enquanto o acesso público é continuamente reduzido”* (ANDRIOLI, 2006).

Esses mesmos sinais da globalização são os desafios e as possibilidades da Igreja de Jesus em tempos de transição, e refletem-se diretamente na gestão do seu dia-a-dia. Busca-se a Igreja buscando-se o sagrado, desaparecido do mundo moderno como ultrapassado. E é considerado pós-moderno aquele que desconsidera o sagrado, como também qualquer tipo de religião com o espiritual. Vemos porém, que o anseio pelo sagrado e pelo digno de veneração permanece conforme foi criado – o homem com sua maior vocação para adoração a um só Deus e Senhor – continua vivo no subconsciente do

humano e por não estar sendo atendido, está em crescimento. Moltman (1997) afirma que como o homem não criou suas próprias premissas, nem tampouco é capaz de substituí-las, vive do que está negando, porque é seu herdeiro. E ainda afirma que *“a secularização ou profanação é tão moderna e excitante quanto a pessoa que serra o galho em que ela própria está sentada”*.

Na igreja, ou a partir dela, a desesperança e a incerteza se transformam e os milagres “atomizados” ou pessoais são estabelecidos pela Graça de Deus, como produtos da gestão do impossível aos olhos de mundo, mas possível e desejável aos olhos do Nosso Senhor. A religião com o divino – o ir tão longe que vamos além de nós mesmos em direção ao eco de Deus que busca o ser humano – e o exercício da comunhão não viola, porém, liberta das opressões do mundo globalizado. Nesta comunhão oferecemos participação em nossa vida e participamos da vida do outro. Os muros pessoais são bombardeados pelo amor e acolhimento no exercício da comunhão, pelo envolvimento recíproco e no reconhecimento mútuo. No combate ao isolacionismo, aplica-se um princípio da Igreja antiga: **“O que não for acolhido tampouco será curado”**. E na Igreja de Jesus, também *“os fracos, os sem estudos, os feios, os excluídos tem um carisma especial. Porque todos são semelhantes ao Crucificado, porque o Crucificado não apenas assumiu a condição humana, mas também a miséria da humanidade, a fim de curá-la”* (Moltmann, 1997).

**“E nas suas chagas, encontra-se cura para nós” (Is. 53.3)**

As curas das enfermidades (sociais, políticas, ambientais) são precursoras das transformações globais, assim como as enfermidades graves são prenúncio de morte. Nestes termos, considero na linguagem eclesial a Igreja como agência do Céu e o líder profissional como agente da gestão paradigmática desta transição a serviço do Ide de Jesus na Terra, no tempo presente. Na linguagem secular, a Igreja pode ser considerada uma organização social o líder um agente social de mudanças.

No grego, *ekklesia* refere-se a uma congregação local de cristãos, bem como à igreja universal, ou a todos os que seguem a Cristo, em todos os lugares e de todas as idades, sem considerar critérios de tempo, de espaço e de denominações. Tal igreja universal (algo do futuro - Mt. 16.18), busca a santidade e a comunhão e somente se tornará realidade tangível com a volta de Jesus. Aguardando ansiosamente o segundo advento, e conforme a grande ênfase do Novo Testamento, nos fixaremos neste trabalho na igreja local, sob a égide da igreja universal – o Céu na Terra, a Noiva de Cristo, em tempo e espaços determinados. Embora que ainda não levando em conta as facetas multidenominações, bem como suas doutrinas particulares, conceituaremos sob a dinâmica social e a política da globalização, a Igreja de Jesus no seu real papel em todo o tempo: gestora do impossível para implementação das transformações e ajustes necessários à nova proposta de desenvolvimento justo e integrador. Uma parte, a mais importante, do mosaico desenvolvimentista. A parte mais importante, por lidar com transformações radicais de princípios, valores de vida: vetor de mudanças

epistemológicas de “dentro para fora”, do oculto para o visível, do grupo social e “homogêneo” para a família, para a sociedade, para o território regional, para o território nacional, para o território transnacional, promovendo sempre e do metafísico para o físico, em todo o tempo os impactos positivos sociais e políticos planetários.

Ainda Moltman (1997) nos faz refletir que Deus espera pelo homem para torná-lo verdadeiramente humano, e, esperando pelos humanizados, Ele sofre como toda a crise desumanizada que praticamos em termos pessoais e políticos. O “retorno ao lar” dos perdidos é esperado por Jesus, e Ele em paciência nos espera para transformar a universalidade em perigo, confusa e desorientada, que vem rompendo o acordo das gerações naquilo que nos garantiu a sobrevivência da nossa humanidade até agora.

A decadência da sociedade pós-moderna em tempos de transição vem evidenciando o caminho mais seguro “Não Sabemos Para Onde Estamos Indo”, ou seja, para a perdição. A esperança universal da Igreja de Jesus, é o combustível na luta pelo Reino de Deus e transfere voz àqueles que tem sua boca bloqueada – voz necessária ao diálogo e à construção de um novo modelo entre as duas diferentes visões de mundo. O destampador de bocas e de corações é o líder profissional cristão, pois este tem atuação prática e oportunidades de levar a Igreja ao mundo. No processo de reinserção do globalizado, do excluído e do caído, acha-se o líder profissional cristão comprometido no exercício das esperanças, das boas obras e como luz no velador (Mt. 5.16).

### **O modelo de prática de boas obras preconizado na Carta de Paulo a Tito, líder companheiro e cooperador apto as tarefas árduas**

As Cartas de Paulo revelam que Tito era homem certo em muitos momentos importantes na vida de Paulo, uma autoridade comprometida com o ministério Paulino – “seu delegado apostólico” (SHEDD, 1997), e no seu próprio ministério. Tito partia em missões às igrejas (Jerusalém, Corinto, Trôade, Macedônia, Creta, Dalmácia, Nicópolis) e em todas, ministrava com a sua “força”, “tato”, “afeição humana” (DIB, 2004); possuía também grande capacidade de apaziguar igrejas em situações desesperadoras em diversas ocasiões. Ministrava ensinamentos da sã doutrina, da prática às boas obras, nomeava presbíteros em cada cidade (Tt. 1.5), bem como disciplinava as congregações explicitando claramente que a sã doutrina e a conduta cristã caminham de mãos dadas (BEG, 1999). A sobriedade, a bondade, a justiça, a piedade (Tt. 1.5) eram entre outros, atributos de “ *autoridade interior e da influência*” (HAGGAI, 1990) que precisava exercer no ministério de organização da Igreja. Considerado como o primeiro bispo de Creta, é modelo para os cristãos (Tt.1.7) que são chamados a persistir como líderes em tempos de grande tributação. Paulo exorta Tito e a todos nós a não aceitarmos o desprezo do mundo por sermos detentores de tão nobre promessa. Paulo insiste apelando a Tito: “*que (...) faças afirmação confiadamente, para que os que tem crido em Deus sejam solícitos na prática de*

boas obras (Tt. 3.8). Paulo não fazia distinção entre fé e obras, afirmando que Jesus veio purificar um povo exclusivamente seu, zeloso de boas obras (Tt. 2.14).

*“Porquanto a graça de Deus se manifestou salvadora a todos os homens, educando-nos para que, renegadas a impiedade e as paixões mundanas, vivamos, no presente século, sensata, justa e piedosamente, aguardando a bendita esperança e a manifestação da glória do nosso grande Deus e Salvador Cristo Jesus, o qual a si mesmo se deu por nós, a fim de remir-nos de toda iniquidade e purificar, para si mesmo, um povo exclusivamente seu, zeloso de boas obras. Dize estas coisas; exorta e repreende também com toda a autoridade. Ninguém te despreze. (Tt. 2. 11-15)*

Os cretenses professavam conhecer a Deus, porém, o negavam em suas obras. Paulo a estes considerava abomináveis, desobedientes e reprovados para toda boa obra (Tt. 1.16). Isto remete-nos a um cenário de contradição na qual nós líderes cristãos, com frequência pregamos algo e praticamos o oposto. Embora a Carta de Tito tenha sido escrita provavelmente em cerca de 62-64 d.C. (BEG, 1999), é graças a Deus, atualíssima, instigando-nos e desafiando-nos a agarrar-nos à verdade do Evangelho de salvação e à comunhão de interesses e trabalho, com reciprocidade ou não, tendo o Poderoso Deus como parceiro presente, companheiro de caminhada e sofrimento.

Um grande alvo do líder profissional cristão é levar seus liderados a “*abrir mão dos seus subjetivos interesses individuais (ou desejos), a identificar suas reais necessidades*” (HUNTER, 2004) e a desenvolver no grupo, uma identidade coletiva, liderado pelo Líder dos líderes, pois segundo Moltman (1997): “*não sou meu próprio cabeça, mas Cristo é meu cabeça quando me torno membro de Sua Igreja*”.

Inspiro-me também em Tito ou naquilo que Paulo recomenda-o a praticar, quanto às características necessárias ao exercício do meu mandato ministerial extra-muros, na atual gestão pública de governo – um dom de Deus dado à Igreja de Cristo (I Co. 12.8-11), uma vocação ministerial identificada entre a diversidade de dons que nosso Deus espalhou entre nós, e com os quais continua a abençoar seu povo escolhido. E, governar sob prisma cristão, é exercer influência em todos os seguimentos da sociedade, respeitando e convivendo com as diversidades em todos os níveis e características, levando o grupo a “*benefícios permanentes*” (HAGGAI, 1990), com base nos princípios que Jesus nos ensina. Governar é servir, não apenas exercer o serviço simples e secular, mas é servir como Cristo serviu. É amor e sacrifício. É ter atitudes testemunhais que honrem ao nosso Senhor, pois para Êle e por Êle e n’Ele servimos. E honrando ao Senhor, honramos a Humanidade.

### **O ministério comunhão de gerações e de gênero**

Nas comunidades de Igreja Antiga (At. 2), esta era formada por famílias cristãs e congregações domiciliares. Nas bases da igreja reformada, Lutero e Heidelberg (Moltmann, 1997),

destinaram suas lições de catecismo ao uso nos lares, buscando construir uma comunhão de gerações – mães, pais, filhos e filhas, avós e avôs. Pressupõe que no ministério do líder profissional cristão “*consideramos nossa comunhão como uma comunhão temporal que transcende as diversas idades da vida, que por isso aprendemos a entender os outros naquilo que foram e que podem ser, com que possibilidades viveram e que possibilidades se acercarão deles*” Moltmann (1997). Nestes aspectos, no objetivo de promover integração entre todos, devemos estimular o oposto do mundo pós-moderno – comprometido com a derrocada de tradições, rupturas de contratos e alianças de gerações com a imposição de ônus (de toda a ordem) para a presente e as futuras gerações; é o que Moltmann denomina de *moderna barbárie da indiferença*.

***“A Igreja cristã é uma questão de confiança. Ela é um lugar em que podemos largar nossa desconfiança natural e a capa de proteção da luta diuturna de concorrência e de sobrevivência a fim de nos abrir e nos confiar a outros. É óbvio que isso torna a comunidade cristã algo altamente vulnerável e, com muita frequência, uma decepção. A comunhão da confiança mútua não pode ser cega e crédula, mas deve ver e saber, e apesar disso estar a confiar. Como a fé cristã não é uma confiança infantil em Deus, mas passou pelas devastações e pelos abismos da cruz de Cristo, assim surge também confiança pelos demais somente quando conhecemos nossas próprias fraquezas e aceitamos as fraquezas dos outros”. (Moltmann, 1997)***

Sob a questão de gênero, em nosso ministério devemos também observar que toda a integração necessária passa por refletirmos atentamente sobre que forma de comunhão existe entre homens e mulheres (na comunhão em Cristo) e na experiência destes com o Espírito Santo e, entender que esta questão não é apenas organizativa ou ética, mas uma questão bíblica e espiritual, e de verdade e justiça divinas.

Na Palavra há promessas explícitas de como se comportaria o Espírito, o Próprio Deus portanto, em relação a homens e mulheres salvos em Cristo Jesus na primeira Igreja: “*derramarei meu Espírito sobre toda a carne, vossos filhos e filhas profetizarão*” (At. 2.17). De modo paritário homens e mulheres profetizarão o Evangelho, anunciando-o e, desta feita, considerando desde então (por volta de 90 d. C. – SHEDD, 1997) que no exercício de dons e ministérios não haveria mais privilégios deste ou daquele grupo (masculino sobre o feminino, dos velhos sobre os jovens, dos livres sobre os dependentes) – somos sacerdotes cada um (Is. 61.6), pois a Graça de Deus sobrepuja em todos nós a excelência de Sua Glória. Podemos então no Espírito, experimentar e exercer cada um seus próprios dons e ministérios, e todos em conjunto, experimentar a comunhão integradora de livres e iguais. Por isto não se aceita (pois somos “um em Cristo”) que este ou aquele grupo não esteja integrado ao Corpo de Cristo, ou ainda, que grupos e indivíduos “atomizados” sejam segregados nas organizações, não



tendo oportunidade de exercer em toda a plenitude e com toda a excelência seus dons, vocação e talentos, bem como, as boas obras programadas por Deus. Entendemos ser uma questão de conhecimento bíblico e de experiência espiritual “a nova comunhão de homens e mulheres”, tão necessária nos atuais tempos de transição e integração, e tão desejada e procurada em algumas igrejas. Acerca disso, segundo o exposto, entendemos também como Moltman, ter acabado o patriarcado cultural masculino e que, todos os dons, inclusive o de governo, na Igreja ou na Sociedade, podem e devem também ser exercidos por mulheres, não se tratando aqui de defender, nem polemizar sobre uma retórica contemporizadora. Desde o começo da Igreja, foram batizados homens e mulheres considerando a ambos, portanto, como dotados do Espírito e, “*ser mulher integral, transforma-se num carisma que não pode ser abandonado em favor de (pré)conceitos e atitudes masculinas*” (Moltmann, 1997).

***“Pois todos vós sois filhos de Deus mediante a fé em Cristo Jesus; porque todos quantos fostes batizados em Cristo de Cristo vos revestistes. Dessarte, não pode haver judeu nem grego; nem escravo nem liberto; nem homem nem mulher; porque todos vós sois um em Cristo Jesus. E, se sois de Cristo, também sois descendentes de Abraão e herdeiros segundo a promessa”. Gl. 3.26-29***

### **Os modelos de hierarquia eclesiástica (ou de governo das Igrejas) sob a ótica da visão dos privilégios nos ministérios**

Tal como em algumas sociedades seculares, em algumas igrejas de hierarquia patriarcal predomina o episcopado monárquico: um Deus – um Cristo – um bispo/pastor – uma Igreja. Esta série foi concebida sob termos masculinos, e atribui-se à figura da paternidade a qual exerce (ou exercia) comando e controle, oferece proteção e demanda obediência. Neste modelo a mulher é excluída do cenário de governo eclesiástico.

Nas igrejas reformadas predomina o conceito cristocêntrico: Deus é o “cabeça” de Cristo, Cristo é o “cabeça” da Igreja, e de modo correspondente o homem é o “cabeça” da mulher (I Co. 11). Este modelo levou à exclusão das mulheres das funções de governo: do “cargo religioso” ou de “oficial da igreja”, embora Paulo tenha orientado os Gálatas que ambos, mulheres e homens, sejam dotados (nos dons e exercícios ministeriais) do Espírito. Nesta série podem ser incluídas também as igrejas “pastorcênicas”. Nestas, as mulheres são consideradas “ajudadoras idôneas” e não líderes.

Moltmann (1997) esclarece que no modelo de comunhão de gerações e de gênero, propõe-se chegar a um novo entendimento de integração e paridade da Igreja de Jesus, a partir da experiência do Espírito em Pentecostes, com base de que nas forças carismáticas espirituais em Cristo, todos são estimulados a “profetizar” ou “prenunciar” as novas do Evangelho, e que Deus quer falar através deles

– homens e mulheres, jovens e idosos, havendo assim, uma inequívoca ordenação ao “ministério especial”. Deus quer-nos vivificar no serviço (tanto no eclesiástico, bem como no secular) e na esperança pelo Reino de Deus no mundo, bem como pelo mundo no Reino de Deus. Tanto homens e mulheres são dotados pelo Sangue de Jesus, do Espírito pelo batismo, e incumbidos e capacitados na comunhão do Espírito (no carisma), para cumprir o Ide e proclamar o Evangelho.

Não se trata de adaptação às circunstâncias sociais a ordenação de mulheres aos cargos de oficiais ou líderes maiores no governo das igrejas, mas de uma nova visão de gestão eclesiástica (e de mundo), considerando as origens da Igreja e a Palavra já explicitados: *“As igrejas patriarcais e as cristocêntricas percebem e presenciam em seu meio um movimento pentecostal liderado pela teologia feminina”* (Moltmann, 1997); sendo este movimento exercido por homens e mulheres, cabe destacar.

#### **Capítulo IV – A teologia feminina na transição de modelo da Igreja. Da teologia família em comunhão à Igreja da nova visão de mundo – A Igreja maravilhosa comunhão**

##### **A teologia feminina na transição do modelo da Igreja**

O conceito contemporâneo da atual *teologia feminina* redescobre e reinterpreta a “feminilidade” do Espírito Santo com base na etimologia da palavra “Espírito Santo” em hebraico e em grego, e traduz a transição do modelo das diferentes visões de mundo.

Se os que crêem “nascem de novo” e o fazem no Espírito, na denominada teologia feminina o Espírito Santo é entendido com a “mãe” dos fiéis e sob este aspecto, como feminino – a “Espírita”. Em Isaías 66.13 o Espírito Santo consola, fazendo-o *“como alguém a quem sua mãe consola”* e, podendo ser considerado que Ele é a confortadora mãe dos seus filhos. No hebraico o Espírito é feminino (Ruab Jahve), no grego o termo é neutro (pneuma = sopro) e somente no latim e nas línguas correlatas o Espírito é uma palavra masculina (Moltmann, 1997):

*Do âmbito da primeira Igreja Síria são originárias as famosas 50 homilias de Macário (Simeão). Pelas duas razões citadas, ele falava do “ministério materno do Espírito Santo”. No século XVII, Gottfried Arnold traduziu para o alemão esses testemunhos da espiritualidade síria ortodoxa. Receberam ampla divulgação no incipiente pietismo. John Wesley estava fascinado por “Macarios, the Egyptian”. August Hermann Francke, em Halle, Alemanha, adotou suas idéias femininas do Espírito Santo, e o conde Zinzendorf considerou essa descoberta uma espécie de revelação, proclamando em 1741, por ocasião da fundação da Comunidade de Irmãos Morávios o em Bethlehem (Pensilvânia, EUA), sendo “o ministério materno do Espírito Santo” também doutrina comunitária dos Irmãos Herrnhut. Ele sabia muito bem o que fazia, pois mais tarde escreveu: “Constitui uma desordem que o ministério materno do Espírito Santo não fosse sancionado por uma irmã, mas por mim diante das irmãs”. (Moltmann, 1997)*

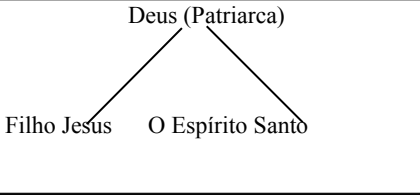
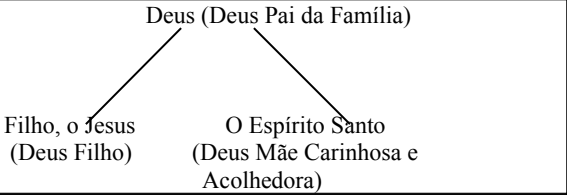
## **Da teologia família em comunhão à Igreja da nova visão de mundo – A Igreja maravilhosa comunhão**

A restauração do crente baseia-se na comunhão deste com o Espírito Santo e com os seus irmãos, e conforme descrito no item ministério comunhão de gerações e de gênero no Capítulo III, a teologia apresentada por Moltman (1997) tem como **referência metafórica** a família em comunhão e, para essa nova edificação da igreja que denominamos aqui “Igreja maravilhosa comunhão” – proposta a qual traduz àquela que se destina para atender os anseios humanos e divinos na nova visão de mundo. Cabe ressaltar que são importantes e nunca desprezíveis de todo o modo, o ministério materno do Deus-Espírito e a Trindade como comunhão: Deus é Deus pai da família, Deus é Deus Espírito (mãe carinhosa e acolhedora) e Deus é Deus Filho. A família figurada na nova visão de mundo reflete e constitui uma maravilhosa comunhão. Na “Igreja maravilhosa comunhão”, o reflexo de Deus Trino é uma comunhão de mulheres e homens sem privilégios ou vítimas da sectarização, uma comunhão de pessoas livres e iguais, de irmãos e irmãs, idosos ou jovens, todos exercendo seus dons e ministérios. Contudo, a antiga figura patriarcal de Deus, o Pai, com as duas mãos (o Filho e o Espírito) retrata de modo menos integrador, justo ou comum o que Deus espera como Sua Igreja seja.

Trata-se contudo, repetimos, de uma figura metafórica para Deus, que por toda a Sua soberania e misericórdia, compreende nossa pequenez em tentar entender para poder explicar (as vicissitudes humanas em fazer) a política eclesial ao longo dos séculos passados e vindouros, bem como os modelos de gestão decorrentes de cada sistema. São maneiras de refletir sobre tudo que passamos, o que estamos passando e o que passaremos, para melhor nos situar em nosso mandato cultural e realizarmos com excelência as boas obras, evitando erros, dores e discensões, nos levando também a tentar compreender e perdoar nossas atitudes e daqueles à nossa volta. Fazendo-nos sobretudo melhores servos do Senhor e líderes profissionais cristãos neste mundo tenebroso, contribuindo efetivamente e visando (melhorar) nossas igrejas e o mundo no qual vivermos.

*lustrar a concretude da Trindade Divina, Zinzendorf preferia a figura da família: “Porque o Pai de nosso Senhor Jesus Cristo é nosso verdadeiro Pai e o espírito Santo é nossa verdadeira Mãe, uma vez que o Filho do Deus vivo é nosso verdadeiro Irmão. “O Pai tem de nos amar e não pode agir diferente, a Mãe tem de nos conduzir pelo mundo e não pode agir diferente, o Filho nosso irmãos, tem de amar as almas como ama a sua própria, o corpo do seu corpo, porque somos carne e membros dos seus membros, e ele não consegue agir diferente”. Em decorrência, Zinzendorf também descreve o efeito do Espírito sobre a alma com expressões românticas de extremo carinho. De modo análogo Johann Jakob Schütz delineia a condução pelo Espírito Santo no hino eclesial alemão: “Com mãos maternas ele conduz incessantemente os seus”. (Moltmann, 1997)*

## Quadro I – Análise comparativa sobre as características dos diferentes modelos de gestão eclesial

VELHA VISÃO DE MUNDO Igreja hierárquica (teologia patriarcal do Deus trino)	X TRANSIÇÃO DE MODELO	NOVA VISÃO DE MUNDO Igreja maravilhosa comunhão (teologia família em comunhão)
	<p>Incertezas, desconfiança, desesperança, maior fechamento para a autopreservação das igrejas hierárquicas e cristocêntricas, ou abertura total para aceitação plena (nas igrejas pentecostais e neopentecostais)</p>	
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Organização fechada e rígida;</li> <li>• Gestão de comando e controle;</li> <li>• A liderança é o agente da gestão;</li> <li>• Noção de governo (uns pensam outros executam);</li> <li>• Exclusão dos não-iguais;</li> <li>• Organização rígida, autocrática, vertical, autoritária.</li> <li>• Perde legitimidade pelo distanciamento entre líderes e membros;</li> <li>• Sectarização de grupos “atomizados”;</li> <li>• Exclusão do ministério feminino;</li> <li>• Não eleição dos diferentes (ou não considerados iguais) nos cargos de governo ou de oficiais;</li> <li>• Conduta/liturgia previsível;</li> <li>• Mensagem predominantemente acusatória.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• A teologia feminina do Espírito Santo; inserção de práticas pentecostais</li> <li>• A igreja em transição de visões de mundos: ora prevalece a velha visão de mundo, ora prevalece a nova visão de mundo</li> <li>• Modelo em dolorosa e conflituada gestão</li> <li>• Confusão e crise de identidade de líderes cristãos e governos eclesialísticos</li> <li>• Desconstrução de modelos e (re)construção de novos sistemas e modelos de gestão eclesialística;</li> <li>• Inadequação e/ou relativa convivência de modelos.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Organização flexível e aberta;</li> <li>• Gestão descentralizadora na construção de soluções;</li> <li>• Nova visão de governança participativa nos processos de decisão;</li> <li>• Inclusão de parcelas excluídas; construção conjunta de oportunidades;</li> <li>• Aperfeiçoamento dos processos, dos meios de interlocução e dos meios de decisão (não sectarização);</li> <li>• (Re)visão das formas de diálogo e reinserção social e religiosa;</li> <li>• Recepção carinhosa e acolhedora; fraternidade inequívoca;</li> <li>• Inserção total ao grupo existente;</li> <li>• Compartilhamento de ações afirmativas de proclamação de virtudes e esperanças;</li> <li>• Melhor capacidade de mediação de conflitos e interesses;</li> <li>• Maior atenção com resultados e com o conteúdo, menos com a forma (liturgia);</li> <li>• Provisão de recursos humanos fazendo a ponte intra e extra-muros; estímulo à profissionalização e à especialização</li> <li>• Comprometimento do Corpo de Cristo na comunhão de todos (intra e extra-muros);</li> <li>• Práticas de resignificação das atitudes e práticas de trabalho (serviço);</li> <li>• Modernização de funções e métodos;</li> <li>• Igualdade de gerações e de gênero;</li> <li>• Priorização para a cura espiritual e emocional;</li> <li>• Ministério feminino aceito e integrado ao governo da igreja;</li> <li>• Ministério laicato e clerical com igual importância e valor;</li> <li>• Conduta/liturgia imprevisível;</li> <li>• Mensagem predominantemente libertadora.</li> </ul>

Elaborado por LACERDA, 2006

No Quadro I acima procuro resumidamente apresentar uma análise comparativa entre as características do diferentes modelos de gestão eclesial para as diferentes visões de mundo, bem como à transição de visões de mundo, a partir da referência teológica predominante de cada visão de mundo. Busco aqui um paralelismo ou correlação entre os traços herdados dos “modelos praticados” de mundo e seus paradigmas do pensamento científico, como vimos no final do Capítulo I. A transição

entre os modelos de igreja correlacionam-se com os sintomas da transição paradigmática ou da crise da civilização.

## **Capítulo V – Na Igreja maravilhosa comunhão nenhuma diferença há entre o serviço ministerial sacro e o secular. O ciclo de melhorias contínuas na santificação**

*“A globalização tornou todos os povos vizinhos. Já não somos estranhos, precisamos viver como uma comunidade, aceitando nossas diferenças, sem impor nossos valores como normas sobre nossos vizinhos”. (Aran I, patriarca da Igreja Ortodoxa da Armênia. In: Revista Ultimato maio/junho de 2006)*

*“Os evangélicos em geral e em especial os pentecostais têm avançado muito no que se refere à unidade da Igreja. Acredito que a unidade da Igreja deve ser um trabalho do Espírito”. (Norberto Saracco, conhecido líder pentecostal da América Latina. In: Revista Ultimato maio/junho de 2006)*

*“...Nossa proposta é deixar o passado de lado, esquecer amarguras e trabalhar em conjunto. Se é possível conviver com a diversidade em outras áreas, também é possível com os pentecostais”. (Michal Ntuny, pastor da Igreja de Pentecostes de Gana, na África com 9 mil congregações locais e missionários em 57 países. In: Revista Ultimato maio/junho de 2006)*

### **O ciclo de melhorias contínuas no processo de santificação**

Olhar para trás é ver cenários e momentos acabados, que não nos desafiam. Tudo está consolidado por ser seguro, conhecido, determinístico. Praticar os métodos de gestão da velha visão de mundo é repisar em terreno firme e sólido, algo que já foi. Se deslocar do passado, colocar-se em mancha e caminhar para o tempo atual e para o tempo futuro é um desafio, quase uma abstração, que nos incomoda (por ser indefinido) e faz-nos lançar ao que ainda está por vir, apresentando-se já de início com drásticas rupturas. Pode-se ouvir os ruídos dos craquelados modelos que se postam a nossos pés, aos pés de nossas igrejas, de nossa família, de nossa sociedade, de nossa humanidade. O que fazer com seus fragmentos? Ignorá-los? Ou reagir? No entanto, a dinâmica da transição é um convite à mobilização e à (re)construção do novo modelo de desenvolvimento (que de modo algum podemos ignorar, por ser intrínseco ao viver atual).

Na verdade, vivemos um “branco teórico secular”, de profusão de múltiplas idéias e conhecimentos, de caos total, de desarrumação (ou desconstrução). Nesta transição as instituições se confrontam, as culturas se conflitam, caem os limites. Estamos registrando esta mudança e acreditamos que haverá no futuro definições (de idéias, cenários e de conhecimentos) que no momento não se percebe. Hoje podemos considerar apenas seus sinais (ver Capítulo I e Capítulo III).

Olhar para hoje (a transição) é situar-se onde o irracional ganhou espaços grandiosos, no colapso do racionalismo. A razão não importa mais no cenário secular da transição. Somos seres complexos e

instáveis e o mundo, desde o fim do milênio, revela-se ainda mais complicado, mais difícil de entender e de gerenciar. Inclusive a natureza revela-se mais limitada. A racionalidade como corrente principal e dominante até então, incorporou idéias e vem “reciclando” conceitos que apresentam-se como revoluções, mas muitas vezes, são velhos conceitos transvestidos e maquiados. Nos tempos pós-modernos que vivemos mesmo na racionalidade pura há uma certa irracionalidade, pois não há ou há pouca racionalidade. Tendo como base do conhecimento científico a mecânica quântica e a relatividade e suas conseqüentes idéias como vimos no final do Capítulo I, o “campo” torna-se um terreno onde há conflitos de idéias, de cenários irracionais e confusos. Não temos mais controle sobre os modelos, e os modelos fazem apenas parte das trajetórias. É preciso, porém, resgatar o rumo e resistir (como re-existir); talvez seja preciso que se resgate enfim também a resiliência.

Na demonstração do modelo de gestão da velha visão de mundo e na transição para a (re)construção da nova visão de mundo, entendemos ser oportuno discutir o serviço do líder gestor e o seu mandato cultural, tendo como alvo a Igreja maravilhosa comunhão e uma civilização mais justa e humana. Há que se admitir humildemente as limitações inerentes aos humanos (em processo de humanização/santificação) na luta (pós-moderna) da razão contra o emocional (seu corpo, sua carne), na direção de alcançar seu autocontrole e domínio próprio (Pv. 25.28). Isto tem-nos levado à constante desconfiança (conosco mesmo e com outros), nos subtraiu a espontaneidade, compelindo-nos a buscar força na Graça Maravilhosa de Deus para aceitar nossas fragilidades naturais, afirmar nossa finitude humana, reprimir nossos talentos e vocações, admitir enfim nossa humanidade e que todos precisamos de cura. Em termos absolutos consideramos como Moltmann: “*Assim a santificação da vida inclui a cura da vida enferma e a integração da vida separada e cindida. A vida torna-se santa quando torna-se saudável e inteira*”. Neste sentido, entendemos ser a santidade “holista” conceituação adequada para sistemas (eclesiástico e sociais) que consideram a complexa rede de relações da realidade como correlatas de modo integral.

Na contemporaneidade, e no contexto integrador imposto pela velocidade do conhecimento e da informação, entendemos que ser cristão não pode ser apenas possuir uma religião privada alheia à política. Nesta transição de modelo e muito mais na Igreja maravilhosa comunhão, o carisma deverá estar inserido no cotidiano do mundo, nos movimentos “atomizados”, para fazer conexão destes (como cordão umbilical) à grande rede de complexidades do cotidiano (confusão, fragmentação, caos, desconexão, multifacetação, contrastes, desumanização, desintegração, plastificação, imprevisibilidade).

Ao líder profissional cristão cabe não apenas gerir a complexidade, mas a própria confusão. Este é o mundo que nos apresenta o Senhor como prontos para a Seara (Lucas 10:2). No contexto, o líder profissional cristão atua como vetor fundamental de integração, pois o “*seu trabalho, suas habilidades e o seu estilo de liderança*” (WHITE, 2003) potencializados pelo carisma do Espírito Santo não são

concedidos a estes, capacitando-os para fugir dos conflitos deste mundo real para um mundo imaginário e ilusório, mas o oposto, para testemunhar no meio da complexidade o domínio libertador de Jesus. Isto implica em expor-se, a si e à Igreja, pois recolher-se “*implica em jamais se descobrir em todas as suas potencialidades, bem como em não ter acesso às limitações de nossas próprias forças. A exposição implica sairmos de nossas zonas de conforto e irmos além, exceder nossos limites*” (WONG, 2002), nos conhecer, nos corrigir, e por fim nos amar, aceitando nossa integridade. E, sempre produzir o que denominamos aqui como ciclo de melhorias contínuas no processo de santificação (tema que cabe nova pesquisa).

### **Nenhuma diferenciação há entre o serviço ministerial sacro e o secular**

A Igreja já conceituada no Capítulo III, foi enviada por Jesus revestida de carisma, para formar o cristianismo no mundo e, nesta Igreja dispersa podemos inserir todos os salvos, suas famílias, profissões, em seus empregos e suas corporações, bem como não devemos limitá-la aos frequentadores da igreja e aos que praticam a religiosidade privada, alheia e desconectada da realidade. Na Igreja da maravilhosa comunhão (de gerações e de gênero), o serviço do líder profissional cristão ocorre num contexto da comunidade reunida na Igreja em termos religiosos, bem como acontece no cenário “da Judéia a Samaria até aos confins da terra”, no mundo que se tiver alcance em termos familiares, sociais e políticos. Esta Igreja, representada por pessoas espirituais, não é representada apenas e simplesmente por teólogos (especialistas das coisas de Deus), mas por cristãos especialistas em suas profissões (os chamados equivocadamente como leigos).

*“A diferenciação medieval e católica entre clero e laicato priva os cristãos no mundo de seu verdadeiro carisma e é errada. A diferenciação entre “religiosos” e “membros da Igreja” é destituída do Espírito e igualmente errada. Na comunhão do Espírito Santo existem somente pessoas espirituais. A antiga clericalização do cristianismo fez com que o “povo da Igreja” perdesse a maioria e, desde o início dos tempos modernos, que o cristianismo disperso no mundo emigrasse da Igreja oficial. No lugar da subdivisão em clero e laicato e no lugar do isolamento do cristianismo na Igreja, precisam entrar os dois movimentos vitais do cristianismo: sua congregação para formar a comunidade e seu envio às vocações na sociedade. Ser congregados e enviados são experiências que fazemos em analogia a inspirar e expirar o Espírito. A vida cristã no cotidiano do mundo tem a mesma importância que a reunião da comunidade para o culto a Deus. Nosso envio adquire estrutura concreta na aflição da sociedade estigmatizada por injustiça e violência, por opressão e indiferença. Cada culto cristão começa com a saudação em nome de Deus trino e termina com o envio: ‘Ide na paz de Deus’.” (Moltmann, 1997).*

Como líderes profissionais cristãos, não esquecemos nossas vocações (seculares) e nossos dons (sacros) ao irmos à Igreja, mas nos congregamos para sermos edificados e orientados (intra-muros) nos relacionamentos vitais da sociedade, para sermos enviados ao mundo (extra-muros) e sermos veículos de reinserção do mundo para dentro da vida plena do Espírito. É necessário romper com a estrutura da Igreja de gabinetes e mistérios e trazer à Igreja uma vida cristã comunitária e integradora destinada também e principalmente às atividades socorristas demandadas pela sociedade atual. Do contrário, os membros se tornarão membros “de passagem”, continuando nas suas peregrinações pela busca de

pertencimento, cura, estabelecimento de autoconfiança, e preenchimentos dos vazios: pedras soltas sem limo, sem cura e sem carisma.

A maioria das estruturas eclesiais acham-se mais fortes que as necessidades das pessoas, pois a Igreja ao longo da história da civilização herarquizou-se, enrijeceu-se e cristalizou-se em “núcleos duros” e ela mesma não mais se vê ou se percebe; limita-se a adorar-se ou a reverenciar suas próprias regras, estruturas, liturgias. A igreja acha-se também em crise de identidade.

Promover mudanças que levem as reformas das instituições não é fácil, é necessário vencer resistências e receios para formar o consenso (a paz). Porém, é inacreditável que durante e depois das muitas crises de transição, a inércia nas instituições (principalmente sociais e eclesiais) seja ainda hoje maior que a necessidade de mudanças. Muitas dores sinalizam outras necessidades inexoráveis: a de mudar o modo de fazer as coisas, de gerenciar, de potencializar vetores (líderes) e alavancar o novo modelo que acha-se em reconstrução.

## **Capítulo VI – O serviço do profissional cristão “encapsulado” no serviço público secular: uma análise crítica comparativa**

A cada dia constatamos no cenário mundial progressivamente democrático e globalizado, grandes processos de reformas em curso, sendo que a maioria delas quase sempre tendem a ser norteadas por seus paradigmas gerencialistas. É inexorável as ressonâncias das grandes mudanças globais sobre a dinâmica da vida e das instituições; apesar de não sermos consultados, percebemos a roda da existência humana a “rodar”, e, cada sistema de desenvolvimento “roda” com sua própria velocidade. Cada modelo impõe seu próprio ritmo. Ninguém pode ser contra o aperfeiçoamento e reformas das instituições: nós líderes cristãos não ignoramos a necessidade da Reforma da Igreja ser reformada, bem como não ignoramos a necessidade de que na Administração Pública, em todos os níveis federativos, há que se tomar nova (re)forma a prestação eficiente de serviços públicos à sociedade, no plano municipal, estadual e federal. Disto depende em última análise, dos fins imediatos das instituições a Igreja e o Estado. no caso do presente trabalho.

Os modelos flexíveis de gestão operando em ambientes competitivos são o tipo de paradigma gerencialista da nova visão de mundo, conforme já apresentado no Quadro I. A solução real dos problemas está na busca de novas formas de compatibilidade entre a esfera do Mercado, a esfera do Estado e a esfera da Sociedade, pois nenhuma das lógicas particulares de cada ente consegue dar conta atualmente sozinha dos problemas da crise da civilização. Essa reconstrução ou construção de um novo modelo de gestão dá mais trabalho, é mais complexo, porém é possível. Neste item, com foco específico, apresentamos uma breve explanação expositiva do que trata-se (pelo menos em termos conceituais atuais), o serviço público contextualizado no cenário em questão.



Urge então, reformá-lo (o Estado), através de uma série de ações “*para dar poder para fazer o que deve fazer e o impeçam de fazer o que não deve fazer*” (PRZEWORSKI, 1998).

Criar condições para que o Estado e suas instituições funcionem melhor, torna-se uma das questões de primeira ordem a partir dos anos 90, voltadas para mudanças institucionais mais profundas, tais como as iniciadas Reformas do Velho Aparelho do Estado: das relações trabalhistas, do judiciário, da legislação, dos mecanismos regulatórios e tributáveis, dos programas massivos de privatizações e revisão das relações entre governos centrais e subnacionais.

O vetor das transformações necessárias a serem construídas e implementadas no sistema do Estado é o agente principal público.

*Nos anos 90, a New Public Management foi à âncora teórica da globalização que inspirou os programas nacionais, que então passaram a ser orientados por princípios teóricos oriundos da escolha pública, das teorias do agente-principal, e do novo institucionalismo econômico. Este modelo tem por princípios gerais a ênfase na eficiência e na elevação da performance, a introdução de mecanismos de mercado na gestão pública, a orientação por resultados, a descentralização dos controles gerenciais no sentido de maior autonomia, responsabilização e flexibilização de procedimentos.(Dasso Jr., 2002)*

Faz-se então necessário, redimensionar a globalização exploradora, transformando-a em uma globalização solidária, integradora e compartilhada. Penso que o novo e único papel a ser desempenhado pelo agente público (e pelo Estado), frente à globalização é desenvolver uma política de inserção com eficiência no mundo globalizado restrito e excludente, e conter a crescente desigualdade social. As crises da transição de modelo refletem-se no Estado, e segundo Dasso Jr. (2002), as causas essenciais da crise do Estado dizem respeito à:

- 1- Caráter financeiro-fiscal: A incapacidade de financiamento do Estado, pois os gastos cresceram muito mais rapidamente que os meios para financiá-los;
- 2- Estrutura burocratizada e centralizada do Estado: Se demonstra insuficiente e incapaz de atender com qualidade as demandas dos cidadãos;
- 3- De legitimidade/De questionamento do modelo de relação entre o Estado e a Sociedade: Devido ao progressivo distanciamento entre a máquina pública e o Estado.

A lista acima, acrescentaríamos sem medo de errar, o item 4:

- 4 – A corrupção desenfreada nos escalões administrativos (Karl Polany (2000) In: Pinguelli Rosa, 2005).

Conforme visto nas características da Igreja da velha visão de mundo no Capítulo IV, o Velho Estado que também praticava o padrão de burocracia (accountability) baseado no comando e controle, passa então a buscar nas Reformas do próprio Estado uma nova burocracia, substituindo o velho padrão

pela (re)construção da forma de intervenção e gestão do aparelho estatal: surge o padrão de accountability de gestão compartilhada e de resultados.

A Reforma do Estado no novo modelo de visão de mundo o agente público funciona como vetor das transformações necessárias a serem construídas e implementadas, e segundo Dasso Jr.(2002) tal reforma deverá abranger:

- a) A superação da crise fiscal;
- b) A reforma da administração pública;
- c) Reformulação do padrão de relação entre Estado e Sociedade.
- d) Formulações de Políticas Públicas;

Aqui acrescentamos por nossa conta, também:

- e) A transparência nas relações e ações entre entes.

No paradigma gerencialista da New Public Management, as funções de formulação das políticas públicas podem ser classificadas em:

- As funções de formulação da política pública (policy-making);
- As funções da implementação da política pública (service-delivery).

As reformas do Estado passaram então a ser operacionalizadas em várias direções e sentidos, e, na busca de dimensões comuns é possível falar em uma agenda comum de reformas, a partir do desenvolvimento de mecanismos e incentivos capazes de produzir eficiência, efetividade e qualidade na provisão de recursos públicos. Nesta agenda comum de reformas, o novo paradigma de gestão pública baseia-se, segundo Dasso Jr. (2002) em:

- 1- Estruturas descentralizadas de gestão;
- 2- Que as novas estruturas de decisão sobre a alocação de recursos e provisão de serviços sejam mais próximos dos cidadãos- consumidores;
- 3- Modelos flexíveis de gestão operando em ambientes distintos e/ou competitivos;
- 4- Que a cultura burocrática dos controles, comando e meios sejam substituídos por cultura gerencial voltada para os resultados, onde os gestores públicos operariam com mais autonomia, menos controles burocráticos e maior atenção com os resultados.

Nas três dimensões da crise do Estado (ver causas essenciais da crise do Estado), focaremos na Reformulação do Padrão de Relação entre Estado e Sociedade, por ser esta vertente política a que mais recentemente tem sido abordada de maneira significativa e, a que mais tem a contribuir no presente trabalho.

### **Reformulação do padrão de relação entre Estado e Sociedade**

A perda da legitimidade do setor público é acentuada pelo distanciamento entre o cidadão e o Estado e, a ineficiência na prestação dos serviços públicos pelo Estado, levam o cidadão ao descrédito

em relação a este, bem como à desenfreada corrupção administrativa. Também a ação estatal perde legitimidade ao ser dissociada de alguma noção de bem comum e da garantia da preservação de algum grau de responsabilidade pública na tomada de decisões. \_

O que dizem os estudiosos da matéria (resumidamente aqui apresentado) quanto aos caminhos que devem ser seguidos para que as barreiras entre o Estado e a Sociedade sejam transpostos e o padrão de articulação transformado?

**1) Em primeiro lugar:** Tornar o Estado mais legítimo e democrático através do aperfeiçoamento da democracia representativa e da consolidação do controle social, a partir da implementação de mecanismos de participação direta. Entende-se como consolidação do controle social, tratar-se de adotar práticas de gestão pública que envolvam a participação conjunta de governos e de atores sociais. Tais práticas devem compreender a transparência total da maneira de atuar da administração, através de programas e canais de participação da sociedade civil, de forma a resgatar a esfera pública como instrumento de expressão da cidadania e fórum de aprendizagem social. Esta nova relação entre Estado e Sociedade, para ser construída e desenvolvida, exige-se esforços das duas partes.

**2) Em segundo lugar:** É necessário estabelecer uma estratégia deliberadora de ação para atingir uma melhor capacidade de mediação de interesses/conflitos, a partir do aperfeiçoamento dos processos e meios de interlocução e de decisão entre Governo e Sociedade. É preciso rever as formas de diálogo, e compartilhar ações afirmativas de proclamação de virtudes, esperanças e de resignificação dos papéis dos diferentes atores sociais.

### **Os agentes públicos**

Servidores públicos, no contexto da Reforma do Estado são, conforme Dasso Jr. (2002), os agentes públicos na Administração Pública brasileira: pessoas físicas incumbidas definitiva ou transitoriamente, do exercício de alguma função estatal. A função estatal é o encargo (uma delegação) atribuído aos órgãos, cargos e agentes públicos. Os **agentes públicos** são classificados em agentes políticos, serviços públicos e particulares, em colaboração com o Poder Público.

Agentes políticos são os formadores da vontade superior do Estado (encontram-se em todas as cúpulas dos poderes Executivo, Legislativo, Judiciário e do Ministério Público). Ocupam cargos na alta estrutura da Administração Pública (são os que comandam). Exercem funções governamentais, judiciais e quase judiciais, elaborando normas legais, conduzindo os negócios públicos, decidindo e atuando com independência nos assuntos da sua competência. São autoridades supremas do Governo ou da Administração Pública.

**O serviço público** abrange as atividades e obrigações de interesse geral inerentes aos serviços prestados aos cidadãos, proporcionado pela sociedade e para sociedade, sob à égide dos poderes

públicos (Legislativo, Executivo, Judiciário e do Ministério Público), assegurando o acesso igual aos cidadãos e à qualidade deste serviço. É o cimento de uma coalisão de forças sociais.

Como princípios gerais que regem o serviço público, temos:

- 1 – Princípio da Continuidade do Serviço → Deve ser mantido sempre, custe o que custar, aconteça o que acontecer.
- 2 – Princípio da Igualdade → Igualdade de acesso dos cidadãos e igualdade de tratamento aos cidadãos.
- 3 – Princípios da Neutralidade → Integra-se ao conceito mais amplo de laicidade → Não deve-se fazer discriminação ou favoritismo.
- 4 – Princípio da Adaptabilidade → A autoridade pública pode e deve alterar a organização e o funcionamento do serviço para adaptar-se às novas necessidades.

*"um dos pontos de partida é o da especificidade do setor público. Não acreditamos em que formar um gerente público seja pegar um bom programa de business administration de algumas universidades desenvolvidas, mas formar um gerente público é formá-lo em ciências do governo, em políticas públicas, em problemas próprios do setor público. Isso tem um amplo desenvolvimento a nível internacional, e é muito importante tratarmos de trabalhar sobre um perfil de funcionário público para o setor público. Em segundo lugar, consideramos que formar um gerente público significa formá-lo nos problemas do país, e que um gerente público deve ter uma alta porcentagem de formação sobre o contexto; que significa conhecer a fundo os problemas da sociedade nacional, com todos os detalhes, em todas as suas implicações, porque ele não será um gerente público no vácuo, mas será um gerente público perante um elenco de problemas, onde seu real conhecimento da situação social, da situação econômica, das implicações de todo tipo no país, é decisivo para a formação. Em terceiro lugar (...) consideramos que deve ser um gerente público formado para uma organização pública do tipo que estávamos mencionando, ou seja, uma organização flexível, aberta para a participação, ao invés de ser formado para reproduzir o modelo "weberiano", o velho modelo de uma organização rígida, autocrática, vertical, autoritária, etc. E, em quarto lugar, consideramos que um gerente público deve ter um credo ético; que não deve ser formado à margem de valores, ou seja, não acreditamos em um gerente público neutro, mas em um gerente público comprometido. Comprometido com os grandes problemas nacionais. Interessado seriamente, envolvido com os grandes problemas nacionais". (Palestra proferida por Bernardo Kliksberg, em 1990, na Câmara dos Deputados. In: Dasso Jr. (2002))*

Constatamos então, a partir daí, que construir projetos e ações de governo é um processo complexo, dinâmico e criativo e, já justificaria a atenção especial com a formação e qualificação dos profissionais envolvidos na gestão pública para que aumente a capacidade de se governar. Entretanto, no tempo presente, a formação de profissionais em *gestão pública* faz parte do desafio da reconstrução democrática do Estado brasileiro – um Novo Estado, para a nova visão de mundo (considerando que nesta reconstrução está envolvido o amplo conjunto dos atores sociais que participam na formulação e implementação de políticas públicas. Ademais, os cursos de formação profissional no Brasil, em sua maioria, não têm desenvolvido uma formação específica para o exercício das funções públicas, tornando-se assim a questão da capacitação ainda mais importante para a construção do Novo Estado

democrático: um desafio incontornável e decisivo aos governos nas três esferas. Interessa reconstruir os processos de gestão em função de exigências de maior participação popular, da inclusão das parcelas excluídas do atendimento de serviços públicos qualificados, de qualificar as relações entre os atores que produzem políticas e serviços públicos, da busca de uma gestão eficaz e eficiente, de instaurar uma gestão pública participativa. Ainda conforme Dasso Jr., é preciso ter clareza quanto à direção da política desejada, que pode ser entendida sob duas perspectivas:

- a) Uma, que se propõe, segundo uma concepção elitista de democracia, a selecionar e formar as elites dirigentes; e
- b) Outra, que se propõe a incorporar um princípio de democracia, que prevê a inclusão tanto de servidores efetivos quanto dos agentes políticos, potencializando, assim, re-significação das atitudes e práticas de trabalho.

Comentando as opções anteriores, temos que:

A primeira opção aponta para uma política de investimentos nas funções de gerência estratégica e intermediária, partindo do pressuposto de que a aplicação do princípio da “unidade de comando”, que uns pensam e outros executam, é suficiente para dar conta do complexo jogo de variáveis e influências que interferem na gestão da coisa pública. Esta, infelizmente, vem sendo a prática adotada por todos aqueles que defendem a Nova Gestão Pública ou o Gerencialismo, o que (Dasso Jr 2002) e penso ser um retrocesso ao modelo hierárquico de gestão. Já o segundo caminho aponta para uma concepção de gestão pública em que o servidor público e o agente de políticas públicas (fundamental na relação existente entre o Estado e o cidadão) devem ser vistos como *atores capazes de conceber e viabilizar novas práticas de trabalho* articuladas com os princípios definidos anteriormente. A formação assim concebida passa a ser *um instrumento de qualificação da gestão pública*, que significa *dotar a administração pública de capacidade para dar respostas às demandas sociais, definidas através de processos participativos*.

### **A busca da excelência na gestão pública**

A Gestão Pública é um conceito que deve ser pensado, compreendido e operacionalizado na sua historicidade, o que implica na necessidade de se ter clareza das transformações pelas quais as sociedades estão passando, e em particular, as transformações que envolvem a Administração Pública, que não pode ser concebida como uma “ilha”, nem muito menos como uma realidade excluída ou marginalizada dos projetos das sociedades, consideradas em seus aspectos mais gerais, como também em questões regionais ou locais.

As transformações nas relações entre o Estado e a Sociedade determinam formas de conceber a Gestão Pública, a sua inserção nas sociedades locais, bem como o seu fazer, como elemento integrante

das mesmas. Em nossos dias, a expressão *gestão pública* vem sendo freqüentemente empregada em substituição à Administração Pública, que se referia a um momento passado do conjunto das instituições estatais nas sociedades capitalistas. O termo indicaria a maior incorporação de valores e técnicas de gestão oriundas da iniciativa empresarial privada e uma nova concepção de governança, em substituição à noção de governo. Na proposta de Aragon Érico Dasso Jr. (2002), a expressão Gestão Pública não assume esta visão limitada, mas reconhece ter havido uma transformação na administração pública e que há uma área de política pública que pode ser chamada de *gestão pública*, sem ser estreita e equivocada, isto é, uma simples incorporação da gestão empresarial privada no “setor” público, embora a ação governamental e o serviço público seguem lógicas (“as rodas tem seus próprios ritmos”).

Pelo exposto, percebe-se nitidamente no serviço público, a (re)construção de um novo modelo de gestão, visando a excelência através de práticas participativas, flexíveis e integradoras. Numa análise comparativa percebemos também muitas similaridades da função deste novo modelo de gestão em construção com o exercício (mandato cultural) do líder profissão cristão, no caso, o da autora no exercício da sua função de agente público. A cerca deste cenário, vimos a tempestividade da aplicação na gestão pública, do serviço do profissional cristão edificado em seus carismas, aquele comprometido com a prática das boas obras e apto às tarefas árduas. Mesmo podendo ser este “modelo” recomendado por Paulo aos cristãos, um modelo de utopia na retórica contemporânea, deve também ser uma possibilidade real sob à ótica divina.

**Conclusão – A gestão do cotidiano na Subprefeitura da Ilha do Governador como vertente descentralizadora, integradora e participativa no cenário da coordenação das macrofunções da política pública da Cidade do Rio de Janeiro, e o enfrentamento dos paradigmas gerencialistas sacro e seculares pela autora.**

A Ilha do Governador é um bairro da Cidade do Rio de Janeiro, com 4081 hectare = 42,00Km<sup>2</sup> (fonte: Secretaria de Governo da Cidade do Rio de Janeiro) de extensão territorial, com uma população em torno de 447.000 habitantes (fonte: Serviço Único de Saúde-SUS). Possui cerca de 32 comunidades faveladas, distribuídas no entorno ou inseridas nos 14 bairros formais bastante diferenciados em níveis sócio-econômicos.

A administração pública municipal no bairro é exercida sob a forma de gestão descentralizadora, funcionando através de 14 Coordenadorias (Saúde, Lixo, Obras, Educação, Trânsito, Guarda Municipal entre outras), braços locais das Secretarias Municipais da Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro.

A autora desempenha, por delegação do Sr. Prefeito da Cidade, o cargo de Subprefeita do bairro, cujas principais funções são de coordenação das macrofunções da política pública diária, buscando o estabelecimento de conexões entre os anseios da população à máquina administrativa, sendo principal agente facilitadora das ações necessárias para a governança local.

Do Quadro I comparativo onde são apresentados as características dos diferentes modelos de gestão eclesial e na conclusão do presente trabalho, usando apenas do Quadro I as características de gestão eclesial da nova visão de mundo, apresentamos o Quadro II a seguir, no qual traçaremos um paralelo entre estas características praticadas na Igreja maravilhosa comunhão e a aplicação das mesmas no exercício da minha profissão como coordenadora das macrofunções locais.

Quadro II – Análise comparativa entre a gestão eclesial e a gestão pública

<b>NOVA VISÃO DE MUNDO – Características de Gestões</b>	
<b>Na Igreja maravilhosa comunhão</b>	<b>Na gestão do cotidiano da política pública local (serviço do agente público)</b>
• Organização flexível e aberta;	Em construção
• Gestão descentralizadora na construção de soluções;	X
• Nova visão de governança participativa nos processos de decisão;	X
• Inclusão de parcelas excluídas; construção conjunta de oportunidades;	X
• Aperfeiçoamento dos processos, dos meios de interlocução e dos meios de decisão (não sectarização);	X
• (Re)visão das formas de diálogo e reinserção social e religiosa;	X
• Recepção carinhosa e acolhedora; fraternidade inequívoca;	Em construção
• Compartilhamento de ações afirmativas de proclamação de virtudes e esperanças;	X
• Melhor capacidade de mediação de conflitos e interesses;	X
• Maior atenção com resultados e com o conteúdo, menos com a forma (liturgia);	X
• Provisão de recursos humanos fazendo a ponte intra e extra-muros; estímulo à profissionalização e à especialização	X
• Comprometimento do Corpo de Cristo na comunhão de todos (intra e extra-muros);	X
• Práticas de resignificação das atitudes e práticas de trabalho (serviço);	X
• Modernização de funções e métodos;	X
• Igualdade de gerações e de gênero;	X
• Priorização para a cura espiritual e emocional;	X
• Inserção total ao grupo existente;	Em construção
• Ministério feminino aceito e integrado ao governo da igreja;	X
• Ministério laicato e clerical com igual importância e valor;	Não se relaciona
• Conduta/liturgia imprevisível;	X
• Mensagem predominantemente libertadora.	X

Elaborado por LACERDA, 2006

Conforme apresentamos no Capítulo VI, na minha atuação como agente pública venho inserindo e desenvolvendo a maioria das práticas de gestão recomendadas para a nova visão de mundo (do Estado e da Igreja maravilhosa comunhão), ou mesmo da gestão empresarial contemporânea. Porém nas Igrejas, principalmente naquelas de modelo hierarquizado de gestão, há fortes resistências à aplicação de tais métodos. Vemos também, que a Sociedade e o Estado nas formas de gestão vem ultrapassando a Igreja, fazendo-se mais atualizados e contextualizados com a nova visão de mundo, e mais próximo deste cenário real. É necessário remir/conhecer o tempo (Rm. 13.11), e restituir à Igreja naquilo que o “gafanhoto” tem se apropriado, impedindo a vida em plenitude das igrejas, dos seus líderes, dos seus membros.

No exercício da minha função profissional venho tentando de maneiras múltiplas e comparativas, considerando a transversalidade dos saberes, descobrir tendências e obter uma visão (ou gestão) mais real para o nosso tempo, e sobretudo sob a ótica da Ciência e do Cristianismo “aproveitar as janelas de oportunidades políticas” (Ingrahan, 1987. In: Machado, 2002. In: Lacerda, 2004) e as “brechas do muro” (Ez. 22.30). Esta tentativa é motivada sobretudo porque no meu trabalho secular e sacro de líder cristã, dirijo-me as inadequações da sociedade e às minhas próprias, e penso que o Cristianismo acha-se engajado numa luta de vida ou morte diante das complexidades da transição para a nova visão de mundo. Muitas destas inadequações atuais tem raízes históricas e filosóficas, em geral pouco conhecidas pelos cientistas bem como questões da ciência são mal compreendidas pelos filósofos(ou pelos líderes e teólogos cristãos). Seus conceitos e teorias tem profunda relação com o contexto histórico, tantos nos aspectos intelectual, cultural, religioso, econômico, social e político, e destes, não podemos nos desligar por inserção inerente à condição humana do cotidiano de nosso tenebroso tempo.

No contexto de um processo de globalização irreversível de forte dimensão social, almejando valores universais compartilhados e no respeito aos direitos humanos e à dignidade da pessoa, uma globalização justa, integradora, dirigida democraticamente e que ofereça oportunidades e benefícios tangíveis a todos os países e as todas as pessoas, é na verdade a utopia sacra e secular que buscamos.

De acordo com, a Comissão Mundial sobre a Dimensão Social da Globalização(Paulo Bárcia - OIT/Lisboa. Fev/2005), esta nova “utopia” almeja:

- Enfoque centralizado nas pessoas – A pedra angular de uma globalização mais justa é a satisfação das demandas de todas as pessoas no que se refere ao respeito de seus direitos; a sua identidade cultural e autonomia; ao trabalho decente; e à plena implicação das comunidades locais em que vivem. A igualdade de gênero é indispensável.
- Estado Democrático e Eficaz – O Estado deve ser capaz de administrar sua integração na economia global, bem como proporcionar oportunidades sociais e econômicas e segurança.
- Desenvolvimento Sustentável – A busca de uma globalização justa deve sustentar-se nos pilares, interdependentes e que reforcem mutuamente, o desenvolvimento econômico e social e da proteção do meio ambiente em escala local, nacional, regional e mundial.
- Mercados Produtivos e Equitativos – Para isso é necessário dispor de instituições coerentes que promovam oportunidades e impulsionem empresas numa economia de mercado que funcione adequadamente.
- Regras Justas – A s regras da economia global devem oferecer a todos os países igualdade de oportunidades e de acesso, bem como reconhecer as diferenças em relação às capacidades e necessidades de desenvolvimento de cada país.



- Globalização Solidária – Há uma necessidade compartilhada quanto à prestação de assistência aos países e indivíduos excluídos ou desfavorecidos pela globalização. Essa última deve contribuir para remediar as desigualdades que existem entre os países e dentro deles e erradicar a pobreza.
- Maior Responsabilidade Perante as Pessoas – Os atores públicos e privados de todas as categorias que dispõem de capacidade para influir sobre os resultados da globalização devem ser democraticamente responsáveis pelas políticas que aplicam e as medidas que adotam. Além disso, têm de cumprir seus compromissos e utilizar seu poder respeitando os demais.
- Associação mais Comprometidas – São numerosos os atores que intervêm na realização dos objetivos sociais e econômicos globais, por exemplo, as organizações internacionais, os governos e os parlamentos, as empresas, sindicatos, a sociedade civil, dentre outros. O diálogo e a associação entre eles representam um instrumento democrático fundamental para se criar um mundo melhor.
- Nações Unidas Eficazes – Um sistema multilateral mais sólido e eficaz é um instrumento indispensável para se estabelecer um marco democrático, legítimo e coerente para a globalização.

No final deste trabalho humildemente reconheço que deparei-me com um cenário pessoal ainda mais impactante, desafiador e revelador do que eu mesma havia suspeitado no Capítulo Zero. As revelações da presente pesquisa trouxeram-me mais discernimento pessoal a partir de “um choque desconcertante de reconhecimento”, mais consciência com o sacudir da “última convulsão de civilização” e mais responsabilidade por gerar a necessidade de trabalhar mais para trazer de volta a “consciência à deriva” (Neste último parágrafo nossos grifos são citações de Toynbee, 1995. In: Velth, 1999).

***“Portai-vos com sabedoria para com os que são de fora; aproveitai as oportunidades”. (Cl.4.5)***

***“Utopias não podem ser compreendidas por definições, mas não podem desaparecer”. (Eric Hobsbawm, 2003 In: Pinguelli Rosa, 2005)***

***A vitória sempre leva consigo um custo pessoal para os líderes. Eles não podem permanecer de fora do processo e dirigi-lo. (Maxwell, 2002)***

***Os líderes não devem apenas estar envolvidos, mas acima de tudo devem estar comprometidos.***  
(Hunter, 2006)

***E digo isto a vós outros que conheceis o tempo: já é hora de vos despertardes do sono; porque a nossa salvação está, agora, mais perto do que quando no princípio cremos.*** (Rm. 13.11)

***Por isso mesmo, [eu] reunindo toda a [minha] diligência, [associo] com a [minha] fé a virtude; com a virtude, o conhecimento; com o conhecimento, o domínio próprio; com o domínio próprio a perseverança; com a perseverança, a piedade; com a piedade, a fraternidade; com a fraternidade, o amor. Porque estas coisas, existindo em [mim] e [em mim] aumentando, fazem com que não [seja] nem [inativo], nem [infrutuosos] no pleno conhecimento de [meu] Senhor Jesus Cristo. Pois aquele a quem estas coisas não estão presentes é cego, vendo só o que está perto, esquecido da purificação dos seus pecados de outrora.*** (2 Pe. 1.5-9 In Maxwell, 2002)

Para Êle, Por Êle e N'Êle são todas as coisas.

## **Bibliografia**

- ABLAS, Luiz Augusto de Queiroz. *Intercâmbio desigual e subdesenvolvimento regional no Brasil*. São Paulo: Pioneira, 1985.
- AGENDA 21 BRASILEIRA – *Bases para Discussão*, MMA/PNUD, Brasília, 2000.
- ALMEIDA, Fernando – *O Bom Negócio da Sustentabilidade* – 1ª edição Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2002.
- ANDRIOLI, Antônio Inácio; *Efeitos culturais da globalização*. [www.cadê.com.br/globalizacao/Maio/2006](http://www.cadê.com.br/globalizacao/Maio/2006).
- ALMEIDA, Paulo Roberto de. *Os primeiros anos do século XXI: o Brasil e as relações internacionais contemporâneas*. São Paulo: Paz e Terra, 2002.
- ARON, Raymond - *L'Opium des Intellectuels*, Calmann Leon: Paris, 1995. In: Pinguelli Rosa, 2005 - *Tecnociências e Humanidades: Novos Paradigmas, velhas questões. O determinismo Newtoniana na visão do mundo moderna*. Ed. Paz e Terra; Vol. 1; COPPE-UFRJ; 2005.
- BÍBLIA Shedd/editor responsável Russel Shedd; traduzida em português por João Ferreira de Almeida – 2ª. Ed. revisada e atualizada no Brasil – São Paulo: Vida Nova; Brasília: Sociedade Bíblica do Brasil, 1997.
- BANCO MUNDIAL – *Relatório Sobre Desenvolvimento Mundial: Desenvolvimento e Meio Ambiente*. Rio de Janeiro: FGV, 1992.
- BÁRCIA, Paulo - OIT/Lisboa. Fev/2005: [http://www.planalto.gov.br/cdes/relatorio\\_OIT.htm](http://www.planalto.gov.br/cdes/relatorio_OIT.htm). esta nova “utopia” almeja.

- BECKER, Dinizar Ferminiano Becker – *Desenvolvimento Sustentável: Necessidade e/ou Possibilidade*, 2ª edição Santa Cruz do Sul: EDUNIG, 1999.
- BÍBLIA, Estudo de Genebra, São Paulo e Barueri, Cultura Cristã e Sociedade Bíblica do BRASIL, 1999 – Livro de I Reis cap. 18 vs 43 e 44, pág 419 e 420, Velho Testamento.
- BRUNDTLAND, G. H – *Novo futuro comum*. 2ª. edição. Rio de Janeiro: FGV, 1991.
- DASSO JR., Aragon Érico – *O Papel do Servidor Público num Estado Democrático e Participativo* – VII Congresso Internacional Del CLAD sobre la Reforma Del Estado y de la Administracion Pública, Lisboa, Portugal, 8-11 oct. 2002.
- DICIONÁRIO ILUSTRADO DA BÍBLIA/editor geral. Ronald F. Youngblood; co-editores F.F Bruce & R. K. Harrison; Tradução Sicília Marques Pereira da Silva (et al). São Paulo: Vida Nova, 2004.
- DINIZ, Eli – *Governabilidade, governance e reforma do Estado: consideração sobre o Novo Paradigma*. Revista do serviço Público. Brasília, v.47, n.2, p. 5-21. Mai./Ago. 1996.
- FRANGIPANE, Francis – *O Desafio de Santidade*. São Paulo: Vida, 2002.
- GONZALEZ, Justo L. – *Uma História Ilustrada do Cristianismo: A Era dos Mártires (Vol. 1), A Era dos Gigantes (Vol. 2), A Era das Trevas (Vol. 3), A Era dos Altos Ideais (Vol. 4), A Era dos Sonhos Frustrados (Vol. 5), A Era dos Reformadores (Vol. 6)*. São Paulo: Vida Nova, 1995.
- HAGGAI, John Edmund – *Seja um Líder de Verdade*”. Minas Gerais: Betânia, 1990.
- HUNTER, James C. – *O Monge e o Executivo*. Rio de Janeiro: Sextante, 2004.
- INGRAHAM, Patricia W. *Toward More Systematic Consideration of Policy Design*. Policy Studies Journal, Vol.15 (14), June, 1987. In: MACHADO, Jacimara Guerra – Dissertação de Mestrado: *Gestão Ambiental na Administração Pública: A mudança dos padrões de consumo começa em casa* – Centro de Desenvolvimento Sustentável da Universidade de Brasília – UNB/DF, 2002.
- Jornal do Instituto Haggai. Editor responsável Ebenezer Bittencourt; nº. \_\_\_\_\_, pág. \_\_\_\_\_, ano \_\_\_\_\_. Editorial.
- LACERDA, Gleide Borges Moraes – Dissertação de Mestrado. *A Reciclagem e a Coleta Seletiva de Resíduos Sólidos Urbanos Secos em Nilópolis – A Experiência do Ecoponto do Cabral: Estudo de Caso*. UERJ, 2004.
- MAXWELL, John C. – *21 Minutos de Poder na Vida de um Líder: Como maximizar seu potencial de liderança diariamente*. São Paulo: Mundo Cristão, 2002.
- MOLTSMANN, Jürgen. *A Fonte da Vida, o Espírito Santo e a Teologia da Vida*. São Paulo: Loyola, 2002.

- O GLOBO, Jornal – 20/04/03 e 23/08/03.
- PEDRINI, A. de Gusmão (org) – *Contrato Social da Ciência: Unindo saberes na educação ambiental* / vários autores – Petrópolis, RJ: Ed. Vozes,2002.
- POLANY, Karl. *A Grande Transformação* (1994), trad; Ed. Campus – Elsevier Science: Rio de Janeiro, 2005. In.; Luiz Pinguelli Rosa. *Tecnociências e Humanidades: Novos Paradigmas, velhas questões. O determinismo Newtoniana na visão do mundo moderna*. Ed. Paz e Terra; Vol. 1; COPPE-UFRJ; 2005.
- PRZEWORSKI – Adam. *Democracia e mercado: Reformas Políticas e econômicas na Europa Ocidental e na América Latina*. Rio de Janeiro: Relume – Dumará – 1994.
- ROSA, Luiz Pinguelli. *Tecnociências e Humanidades: Novos Paradigmas, velhas questões. O determinismo Newtoniana na visão do mundo moderna*. Ed. Paz e Terra; Vol. 1; COPPE-UFRJ; 2005.
- Revista Veja – 16/04/03 e 27/08/03.
- SALLEH – Ariel. *Nature, oman, labor, capital: living the deepeste contradiction. Capitalism, nature, socialism*, 6(1), p.21-39, Mar. 1995.
- SISINNO, Cristina Lucia Silveira (org) – *Resíduos sólidos, ambiente e saúde: uma visão multidisciplinar.* / Organizado por Cristina Lucia Silveira Sisinno e Rosália Maria de Oliveira. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2000.
- UNITED NATIONS (UN) – *Economic and Social Council – Implementing Agenda 21 / Report of the Secretary-General*, february 2002.
- ULTIMATO, revista – Maio/Junho de 2006. Ed. Ultimato, MG.
- WAUGH, Patrícia, org. *Postmodernism: A Reader* – Londres: Edward Arnold, 1992. In: VEITH JR.
- WHITE, Peter. *O Pastor Mestre* – São Paulo: Cultura Cristã, 2003.
- WONG, David W. F. – *Para Além dos Limites*; São Paulo:SOCEP, 2002.
- WRJ – WORLD RESOURCES INSTITUTE – *World Resources 1996-97: a guide to the global enviroment*. Washington: World Resources Institute, 1997.
- [www2.rio.rj.gov.br/ilhagovernador.cfm](http://www2.rio.rj.gov.br/ilhagovernador.cfm).
- [www.planalto.gov.br/cdes/relatorio\\_OIT.htm](http://www.planalto.gov.br/cdes/relatorio_OIT.htm).
- [www.planalto.gov.br/cdes/relatório\\_OIT.htm](http://www.planalto.gov.br/cdes/relatório_OIT.htm).

## **Siglas**

- BEG – Bíblia de Estudo de Genebra;
- DIB – Dicionário Ilustrado da Bíblia;
- SHEDD – Bíblia Shedd.

---

## **Referências Biográficas**

Gleide Borges Moraes Lacerda é graduada em Engenharia Civil (UFRJ); especialista em Gestão Ambiental Executiva (COPPE/UFRJ); especialista em Gestão de Recursos Hídricos para Municípios (COPPE/UFRJ); pós-graduada em treinamento de Liderança Avançada (HAGGAI INSTITUTE); Docente Nacional em Treinamento de Liderança Avançada (INSTITUTO HAGGAI); Mestre em Ciências da Engenharia Ambiental (UERJ); doutoranda em Planejamento Ambiental (COPPE/UFRJ); Atualmente exerce a função de Subprefeita da Ilha do Governador na Cidade do Rio de Janeiro; Líder do Ministério de Planejamento na Comunidade Evangélica Sara Nossa Terra.

Fone: (21) 2462 4331 / 0421

(21) 3396 4258 / 2467 8889

Fax: (21) 3396 1061

E-mail: [gleidelacerda@rio.rj.gov.br](mailto:gleidelacerda@rio.rj.gov.br) / [thecna@thecna.com](mailto:thecna@thecna.com)